

*DE COMO ROBINSON SE FEZ AO MAR PELA
PRIMEIRA VEZ E COMO NAUFRAGOU*

Há muito, muito tempo, ainda antes de os nossos pais terem nascido, vivia na cidade de York um rapaz chamado Robinson Crusóé. Embora já fosse crescido e nem de vista conhecesse o mar, sempre desejara ser marinheiro e partir num navio, a visitar longínquos e maravilhosos países estrangeiros. Sentia que só isso o poderia tornar completamente feliz.

Porém, seu pai desejava que ele fosse advogado e conversava muitas vezes com Robinson, enumerando-lhe o que de terrível lhe poderia acontecer se ele partisse, e explicando-lhe que as pessoas que se deixavam ficar na pátria eram sempre as mais felizes. Além disso, lembrava-lhe que seu irmão havia partido e morrera na guerra.

Por esse motivo, Robinson acabou por prometer que renunciaria aos seus projetos de ser marinheiro.

Mas, daí a poucos dias, o mesmo desejo atacou-o de novo, tão tenaz como dantes, e ele pediu à sua mãe que convencesse o pai a que o deixasse fazer, ao menos, uma única viagem. A mãe ficou muito contrariada e o pai, ao tomar conhecimento, disse: – Se ele sair do reino, virá a ser o maior desgraçado que Deus deitou ao mundo. Não posso dar o meu consentimento.

Robinson ficou em casa mais um tempo, até completar dezanove anos de idade, sempre a pensar no mar. Mas, um dia, ao visitar Hull, uma grande cidade à beira-mar, a fim de se despedir de um dos seus amigos que ia para Londres, não pôde resistir à oportunidade. Sem sequer avisar seus pais, tomou lugar no navio do seu amigo e fez-se à vela.

Porém, logo que o vento começou a soprar e as ondas a crescerem, o pobre Robinson assustou-se muito e enjoou, dizendo para consigo que logo que tocassem em terra iria direito a casa e nunca mais a deixaria.

Foi sincero até o vento deixar de soprar. O seu amigo e os marinheiros riram-se e chamaram-lhe medroso. Assim que o tempo se pôs bom e o Sol brilhou, rapidamente esqueceu tudo o que decidira acerca do regresso para junto de seus pais.

Daí a alguns dias, quando o navio, na sua rota para Londres, navegava ao largo da baía de Yarmouth, teve de deitar ferro e esperar por vento de feição. Nesse tempo não havia vapores e as embarcações só podiam

mover-se à vela, de modo que, se havia calmaria ou o vento soprava ao contrário, tinham de esperar, justamente onde estavam, que soprasse vento favorável.

Enquanto eles permaneciam em Yarmouth, o tempo piorou, desencadeando-se uma grande tempestade. O mar estava tão encapelado e o navio de Robinson corria tal perigo que acabaram por ter de cortar os mastros, a fim de o aliviar e defender dos terríveis balanços. O capitão disparou alguns tiros, pedindo socorro. Outro navio que captou o pedido arriou um escaler; acostaram com muita dificuldade e recolheram Robinson e toda a tripulação, mesmo no momento em que o barco se afundava. Finalmente, desembarcaram todos molhados e em lastimoso estado, tendo perdido todas as suas roupas, salvo as que vestiam.

Robinson trazia algum dinheiro consigo; foi para Londres, por terra, pensando que, se agora voltasse a casa, todos ririam à sua custa.

Em Londres travou relações com um capitão de navios que regressara, havia pouco, de uma viagem à costa da Guiné, como se chamava então essa parte da África; o capitão estava tão contente com o dinheiro que lá tinha ganhado que facilmente convenceu Robinson a que fosse com ele na próxima viagem.

Robinson levou consigo quinquilharias, contas e outros artigos, a fim de os vender em África. Em troca, adquiriu lá tanto pó de ouro que se persuadiu que em

breve faria fortuna. E, logo a seguir, partiu para uma segunda viagem.

Mas desta vez não foi tão afortunado, pois antes de terem atingido a costa africana, numa manhã, muito cedo, avistaram outro navio que lhes pareceu um barco de piratas.

Tão veloz era o seu andamento que, antes da noite, estava próximo do navio de Robinson. Mais poderoso em homens e peças, fácil e rapidamente o abordou e venceu. Os piratas aprisionaram Robinson e toda a tripulação do navio que não fora morta, fazendo-os escravos.

O capitão pirata escolheu Robinson para o seu serviço e, chegados a terra, obrigou-o a cavar o seu jardim e a trabalhar na sua casa. Às vezes também o encarregava de tomar conta do navio, quando estava no porto, mas nunca o levou consigo em viagem.

Robinson viveu assim dois anos, muito infeliz, sempre a maquirar a forma como se poderia evadir.

A certa altura, o capitão passou a ficar em terra mais tempo do que o habitual, ia à pesca, num batel, duas ou três vezes por semana, levando consigo Robinson, que era muito bom pescador, e um rapazito negro chamado Xury.

Um dia, ordenou a Robinson que pusesse mantimentos e água, algumas espingardas, pólvora e balas, num grande batel que os piratas haviam tomado a um

navio inglês, e que se aprontasse para ir com ele e alguns dos seus amigos a uma pescaria.

Porém, à última hora, os amigos do capitão não puderam comparecer, de modo que Robinson recebeu ordens para sair no barco com um dos criados do capitão, que não era escravo, e Xury, a fim de apanharem peixe para a ceia.

Robinson compreendeu que chegara a oportunidade de se evadir.

Falou com o criado, que não era muito esperto, convencendo-o a pôr mais provisões e água no barco, pois – afirmava Robinson – «não devemos tocar no que está destinado ao nosso amo». Em seguida, conseguiu que o criado trouxesse mais pólvora e balas, porque – dizia – «podiam igualmente matar aves para comer».

Quando já haviam percorrido cerca de uma milha, amainaram a vela e começaram a pescar. Mas Robinson, alegando que ali não podiam pescar nada, disse que deviam ir mais além. Quando já se tinham afastado o bastante para que de terra ninguém visse o que faziam, Robinson pôs-se a fingir que pescava e, no instante em que o criado não o observava, voltou-se e atirou-o pela borda, sabendo que o homem nadava tão bem que facilmente alcançaria terra.

Seguidamente, Robinson partiu a todo o pano, acompanhado de Xury, descendo a costa em direção ao sul. Não sabia para que terra ia navegando e só se

preocupava em se distanciar dos piratas e ser novamente livre.

Velejaram muitos dias e muitas noites, correndo, por vezes, junto à costa; porém, receavam ir a terra por causa dos animais ferozes e dos indígenas. Muitas vezes, avistaram grandes leões, rugindo. Num dia em que aportaram para irem à praia, Robinson matou um leão que viu adormecido, tendo-lhe aproveitado a pele, para lhe servir de cama no barco.

Finalmente, algumas semanas depois, ao singrarem para o sul, por alturas do grande cabo chamado Cabo Verde, avistaram um navio português que os recebeu a bordo. Não foi fácil a Robinson explicar quem era, porque não sabia falar português; mas todos foram muito bons para ele e compraram-lhe o barco, as espingardas e tudo que ele continha.

Até compraram o pobre Xury que, naturalmente, como escravo negro, podia ser vendido do mesmo modo que um cavalo ou um cão.

Assim, no termo da viagem, quando chegados ao Brasil, Robinson teve dinheiro suficiente para comprar uma fazenda, onde cultivou açúcar e tabaco durante quatro anos, vivendo muito feliz e satisfeito e amalhando dinheiro.

Mas Robinson não era homem para estar contente por muito tempo. Por isso, como alguns vizinhos lhe perguntassem se queria ir com um navio às costas da

Guiné, em busca de escravos, Robinson aceitou, fazendo somente o ajuste de que lhe pagariam o trabalho e lhe entregariam alguns escravos para trabalharem na sua fazenda, quando regressasse.

Doze dias depois de o navio se ter feito à vela, rebentou uma terrível tempestade e perderam o rumo. Ondas alterosas quebravam-se sobre o tombadilho e varriam tudo o que estivesse solto, tendo caído ao mar um homem e um rapaz, que se afogaram. Ninguém no navio acreditava poder salvar-se.

Essa tempestade foi seguida de outra ainda pior. O vento uivava e rugia entre a mastreação e fazia noite escura, tanta era a chuva e a espuma que se abatia sobre o barco.

Finalmente, ao amanhecer, vagamente avistaram terra através da chuva impetuosa; mas, quase de seguida, o barco bateu num banco de areia. Num instante, rasgaram-se as velas, agitando-se com tal fragor que ninguém podia ouvir as ordens do capitão. As ondas arremessavam-se sobre o tombadilho e o navio embatia na areia de modo tão assustador que, junto ao convés, os mastros se quebraram e tombaram no mar.

O único escaler que restava no navio foi com dificuldade deitado à água e todos se precipitaram para ele. Remaram para terra, esperando alcançar alguma enseada ou embocadura de rio, onde o mar estivesse sereno.

Porém, antes de atingirem terra, abateu-se sobre eles, escumante e atroadora, uma enorme onda cinzenta, alta como a fachada de um prédio, que, antes de alguém poder gritar, virou o barco, deixando-os a debater-se na água.

Robinson era muito bom nadador, mas ninguém podia lutar com semelhantes vagas, e só a sorte é que o levou a salvo para terra. Onda após onda o impeliram, pouco a pouco, para a praia, envolvendo-o muitas vezes e abandonando-o, enfim, desamparado e meio afogado, junto de um rochedo.

Antes que outra vaga viesse e o arrastasse para o mar, num instinto de sobrevivência conseguiu saltar e correr.

Desse modo, escapando ao alcance do mar, deixou-se cair sobre a praia. E, de todos os que estavam a bordo do navio, foi Robinson o único que não se afogou.

ROBINSON TRABALHA AFINCADAMENTE, CONSTRUINDO PARA SI UMA HABITAÇÃO

Depois de ter descansado um pouco, Robinson levantou-se e começou a caminhar com dificuldade, pois já fazia noite escura. Estava encharcado, cheio de frio e de fome e não sabia onde dormir, pois tinha medo de que os animais ferozes saíssem da floresta e viessem atacá-lo durante a noite.

Foi com alegria que descobriu que ainda tinha a faca na algibeira; com ela cortou uma grande vara, para se defender. Em seguida, trepou a uma árvore com espessa folhagem, e ali se instalou, entre os ramos, da melhor maneira que pôde, adormecendo profundamente.

No dia seguinte, ao acordar, a tempestade tinha passado e o mar estava sereno. Surpreendido, viu que, durante a noite, a tormenta arrastara o navio para muito mais perto da praia, não longe do rochedo para onde fora impelido.

Ao meio-dia, já o mar estava completamente calmo e a maré tão baixa que pôde chegar muito perto da embarcação. Despiu o fato e percorreu o resto da distância. Mas não era fácil entrar a bordo, pois o navio encalhara na areia, no alto, fora da água, e Robinson não via maneira de lá chegar.

Finalmente, depois de ter nadado várias vezes à roda do barco, descobriu uma corda pendurada na proa e, graças a ela, trepou a bordo.

À popa do navio estava tudo enxuto e a água não tinha prejudicado muito as provisões. Pegou nalguns biscoitos e comeu-os; bebeu um largo trago de aguardente e sentiu então que as forças lhe voltavam rapidamente, tornando-o capaz de principiar a trabalhar.

Primeiro que tudo, apanhou alguns barrotes de madeira e dois mastaréis de sobressalente que estavam sobre o convés. Passou-os pela borda, segurando-os com uma corda, para impedir que fossem arrastados para longe. Em seguida, atou todos os barrotes conjuntamente, de maneira a fazer uma jangada, colocando ao topo bocados de tábua grossa, atravessados. Foi preciso ainda muito tempo para aprontar a jangada, de modo a poder transportar as coisas que desejava levar para terra.

Por fim, depois de penosíssimo trabalho, conseguiu carregar três arcas de marinheiro, que arrombara e esvaziara, enchendo-as de pão, arroz, queijo e de todos

os comestíveis que tinha encontrado, além de toda a espécie de artigos que pensou poder vir a necessitar. Descobriu também a caixa da ferramenta do carpinteiro e pô-la na jangada, pois, de tudo quanto se encontrava no navio, nada poderia vir a ser-lhe mais útil.

Em seguida, tratou de procurar roupas porque, enquanto ele estava a bordo, a maré subira e levara-lhe o casaco, o colete e a camisa, que deixara ficar na areia.

Também acarretou espingardas e pistolas, pólvora e balas, bem como dois sabres ferrugentos.

Agora a dificuldade estava em chegar a terra, pois a jangada não tinha mastro, nem vela, nem leme, estava demasiado carregada e era bastante tosca para que Robinson a pudesse governar com os remos quebrados que encontrara. Felizmente, a maré subia e a jangada era lentamente impelida, aproximando-se a pouco e pouco, sendo, finalmente, levada até à embocadura de um pequeno rio que Robinson não tinha visto enquanto esteve em terra.

Havia ali uma forte corrente que, com um impulso, atirou a jangada contra um promontório, deixando-o imóvel durante algum tempo e em riscos de tudo se perder nas águas profundas. Mas, como a maré continuava a subir, Robinson conseguiu impeli-la para uma pequena enseada, onde a água tinha pouca altura e o fundo era plano. Quando a maré baixou e a jangada ficou em seco, recolheu tudo a terra, sem dano.

Depois de atracar, a primeira coisa que Robinson fez foi trepar a um monte, a fim de ver em que espécie de região se encontrava e verificar se nela não havia habitantes. Mas, quando chegou ao cume, viu com tristeza que estava numa ilha, sem nenhuma terra à vista, salvo alguns rochedos e duas ilhotas dispersas no mar. Não havia vestígios de quaisquer habitantes, nem de outros seres vivos exceto numerosas aves, a uma das quais ele atirou. Mas não era própria para comer, pois tratava-se de uma espécie de açor.

Então, com as tábuas e as arcas que trouxera para terra, construiu uma cabana muito tosca, onde pudesse dormir naquela noite, e ali se deitou muito confortavelmente sobre a areia.

Durante algum tempo, Robinson todos os dias ia a nado, ao navio, tendo feito novas jangadas, que carregou com muitos mantimentos, pólvora e balas, chumbo para cartuchos, sete mosquetes, uma grande barrica de pão, algum trigo, uma caixa de açúcar, velas, cordas e barbantes, sacos de pregos e machados. Com uma das velas, armou uma boa tenda, onde arrumou tudo que fosse suscetível de se estragar com a chuva ou com o sol. À roda dela amontoou todas as vasilhas e outras coisas pesadas, de forma a que nenhum animal feroz pudesse facilmente aproximar-se dele.

Daí a quinze dias, pouco mais ou menos, mudou o tempo; numa das noites o vento soprou fortemente e,

de manhã, o navio tinha desaparecido para nunca mais ser visto. Mas isso não lhe fez grande transtorno, pois Robinson já recolhera tudo que lhe poderia ser útil.

Agora, pensava Robinson, era tempo de descobrir um local melhor para a sua tenda. O sítio onde estava instalado era baixo e próximo do mar e a única água que tinha para beber sabia a sal. Olhando em redor, descobriu uma pequena planície, a cerca de cem jardas, para os lados do monte; a um extremo da planície, havia um grande rochedo, em parte escavado, mas não o suficiente para se poder fazer um abrigo. Fixou ali a sua barraca, encostada ao lado côncavo do rochedo. Na frente, e à roda dela, plantou duas filas de fortes estacas, separadas umas das outras cerca de dezoito polegadas e aguçadas no topo; fez esta paliçada tão resistente que tinha a certeza de que nada o podia atingir, pois não deixara porta; para sair e entrar, servia-se duma escada que guardava sempre, depois de a utilizar.

Antes de a fechar, Robinson trouxe para dentro todas as provisões, alimentos e armas, pólvora e balas, armando no interior uma segunda barraca, para preservar tudo do sol ardente e da chuva.

Em seguida, principiou a cavar o rochedo, que não era muito rijo, e daí a pouco tinha, da parte detrás da sua barraca, uma caverna, onde julgou prudente arrumar a pólvora – cerca de cento e quarenta libras, ao todo, acondicionadas em pequenas porções – porque

– pensava – no caso de vir uma grande trovoada, uma faísca podia provocar uma explosão e fazê-lo saltar em bocados, se conservasse tudo na barraca.

Robinson estava agora bem acomodado e, como salvara dois gatos e um cão do naufrágio, não se sentia tão só. Também tinha arranjado tinta, penas e papel, de maneira que podia escrever um diário. Armou uma grande cruz de madeira, onde gravou com a sua faca a data do desembarque na ilha: – 30 de setembro de 1659; e todos os dias fazia um corte no poste, sendo aos domingos um mais largo, de maneira a poder, a todo o momento, saber o mês e o ano em que se encontrava.

Quanto a alimentos, descobriu que havia muitas cabras e inúmeros pombos na ilha, não tendo nenhuma dificuldade em caçar quantos necessitava.

Tendo verificado que a barraca e a caverna eram demasiado pequenas para arrumar todas as coisas que tinha, principiou por ampliar a caverna e, com as pedras e a terra que escavava, construiu, em redor, um terraço, do lado de dentro da estacada.

Como tinha a certeza de que na ilha não havia animais ferozes que lhe causassem dano, continuou a perfurar sobre o lado direito, até abrir, através da rocha, saída para o exterior da paliçada.

Seguidamente, começou a pendurar os objetos nas paredes da caverna e até fez prateleiras e uma porta

para a entrada. Foi uma tarefa muito difícil e que lhe tomou muito tempo, pois teve de derrubar uma árvore, aplainá-la com a enxó, primeiro de um lado, depois desbastá-la com o machado, do outro, até que a tábua ficou com a espessura conveniente. Desta maneira, aproveitava só uma tábua de cada árvore. Também fez uma mesa e uma cadeira, conseguindo finalmente ter o seu castelo, como lhe chamava, em muito boa ordem.

Apesar de toda a sua providência, houve, contudo, uma coisa que esqueceu: especar a caverna na ocasião em que a ampliara, de modo a protegê-la de um desmoronamento. Por isso, um dia teve um terrível susto: ia sendo morto por um enorme pedaço de rocha macia que caiu e lhe soterrou muitos objetos. Gastou várias semanas de árduo trabalho para afastar o entulho caído e cortar traves bastante fortes para especar o teto.

Todos os dias costumava subir ao monte e examinar em redor o mar solitário, esperando, esperando sempre, avistar as velas de um navio que o levasse para a pátria. Mas nunca aparecia nenhum e, às vezes, as lágrimas corriam-lhe pelo rosto, com a tristeza que sentia por se ver totalmente abandonado. Por vezes até, na sua infelicidade, pensava que, se ao menos tivesse um barco, mais valeria fazer-se ao mar e procurar outra terra do que permanecer onde estava. Contudo, depressa se sentia menos infeliz, pois tinha muito trabalho com que se entreter.

O TERRAMOTO E O FURACÃO – COMO ROBINSON CONSTRUIU UM BARCO

Já haviam decorrido alguns meses desde que Robinson chegara à ilha, quando começaram chuvadas constantes e enfadonhas, passando, às vezes, semanas sem um único dia de sol. Verificou que, em vez de haver primavera, verão, outono e inverno, como na Inglaterra, as estações nessa ilha se dividiam em húmidas e secas. Não havia frio nem inverno. Pouco antes de terem começado as primeiras chuvas, nas suas permanentes arrumações, Robinson sacudira os sacos de arroz e de outros cereais, deitando fora os restos que lhe haviam sobejado, facto a que não ligou importância. Ficou muito admirado ao ver, algum tempo depois, que, próximo da sua barraca, germinavam cevada e arroz, à sombra do rochedo. Quando as espigas amadureceram, guardou-as para as semear outra vez; e, começando assim por pouco, conseguiu, ao fim de algumas

estações, ter uma grande porção de cereal, quer para alimentação, quer para semeadura. Mas era um trabalho muito árduo, pois não tinha charrua nem grade e o terreno precisava de ser cavado com uma tosca enxada, que fabricara com uma madeira muito rija e pesada que havia na ilha.

A princípio, Robinson não pôde moer o grão que cultivava, nem dele fazer pão. Se tivesse encontrado uma pedra grande, ligeiramente côncava, poderia fazer muito boa farinha, pisando-o com uma pedra redonda. Mas todas as pedras que achava eram macias demais; acabou por fazer uma espécie de almofariz, de uma madeira rija, em que abriu, a fogo, uma concavidade, na qual transformava o grão em farinha, com o auxílio de um cepo pesado.

E, pela primeira vez, fez uma fornada: começou por acender uma grande fogueira; em seguida, afastando as cinzas, colocou a massa no sítio aquecido, cobrindo-a com uma espécie de escudela de barro, sobre a qual amontoou as cinzas incandescentes. Desta forma, pôde fazer muito bom pão.

Um dia, antes de ter chegado a estação chuvosa e pouco depois de ter acabado a paliçada à roda da sua barraca, estava Robinson a trabalhar na caverna, quando, de repente, começou a cair terra do teto e os fortes espeques que ele havia armado estalaram de tal modo que se assustou terrivelmente. Ao mesmo tempo,

ouvia-se um estranho rumor surdo e lamentoso, que não podia compreender.

Correu para fora, e com medo de que o teto caísse e ele ficasse soterrado, saltou a estacada e fugiu.

Mas ainda ficou mais aterrorizado quando sentiu que o chão que pisava lhe fugia. Percebeu então que se tratava de um tremor de terra.

Três vezes se repetiram os violentos abalos; um enorme rochedo que estava a cerca de meia milha caiu, com um estrondo enorme, semelhante ao do trovão, e o mar agitava-se como fustigado por um ciclone. Robinson sentia náuseas com a oscilação do terreno e tremia com terror de ser tragado pela terra, que estalava e se abria. Quando cessaram os ruídos e os abalos pararam, sentiu-se demasiado assustado para voltar à sua tenda e deixou-se ficar onde estava, temendo que tudo recomeçasse de novo.

Subitamente, começou a soprar um vento impetuoso, que arrancava as árvores pela raiz e açoitava as águas, a ponto de não se ver senão espuma no ar. O céu estava cheio de ramos e de folhas arrancados pelo furacão, e as aves, desamparadas, eram arrastadas para o mar. Cerca de três horas depois, o vento parou tão repentinamente como tinha começado, sucedendo-se uma calma profunda, seguida de uma chuva torrencial como Robinson nunca vira, que o encharcou até aos ossos, obrigando-o a voltar à caverna, onde se anichou, cheio de medo.

Andou inquieto durante muito tempo, mas reagiu, decidindo mudar as suas instalações, logo que encontrasse um local melhor para a sua tenda. No entanto, o terramoto teve uma consequência boa, pois o que restava do naufrágio foi restituído pelo mar, tendo Robinson alcançado muito mais coisas, o que o obrigou durante alguns dias, a trabalhar afincadamente. Um dia, quando se encaminhava para o navio naufragado, encontrou uma enorme tartaruga, que vinha desovar à praia como é hábito destes animais. Assim, além da carne, Robinson pôde armazenar muitos ovos, que achou ainda melhores que os ovos de galinha.

Algumas horas depois de se ter encharcado com a chuva torrencial, Robinson, embora fizesse calor, sentiu muito frio e fraqueza, tendo dores por todo o corpo e sonhos horríveis de noite. Durante muitos dias, achou-se muito doente, com febre e calafrios, mal dando acordo de si. Estava tão fraco que julgou morrer, sem alguém que lhe desse água para lhe matar a sede, nem dele cuidasse. O seu único remédio era aguardente, em que ensopava tabaco. Este alimento era muito repugnante e provocava-lhe náuseas, mas fazia-o dormir um dia inteiro e uma noite, acordando muito melhor e com forças para poder caminhar um pouco. Durante quinze dias sentiu-se demasiado fraco para trabalhar. Com esta doença aprendeu que durante a estação chuvosa só devia sair quando isso se tornasse indispensável.

Quando se sentiu recuperado, partiu a explorar o resto da ilha. Descobriu muitas plantas de que veio a fazer uso: tabaco, cana de açúcar e toda a espécie de frutos, como uvas, que passou a secar ao sol, em grandes quantidades, para passas.

Próximo do sítio onde cresciam estes frutos, construiu uma cabana, pondo em seu redor, para segurança, uma dupla paliçada feita de estacas. Durante a estação das chuvas, essas estacas criaram raízes e cresceram tão depressa que, dentro em breve, nada se via da cabana, da parte de fora da sebe. Ficou um refúgio tão bom que Robinson cortou mais estacas da mesma qualidade e plantou-as do lado de fora da paliçada, à roda da sua primitiva habitação. Ao fim de dois anos, esta também estava oculta. Os rebentos destas plantas eram, além disso, bons para cestos, de que Robinson tinha grande necessidade.

Quando acabou este trabalho, partiu novamente, a fim de percorrer o resto da ilha. Durante a sua excursão, como o dia estivesse claro, avistou ao longe, do alto de uma colina, umas montanhas, sobranceiras ao mar, mas não ficou seguro se era outra ilha, ou se eram as costas da América.

Ao chegar ao outro lado da ilha, Robinson viu a praia coberta de um assombroso número de tartarugas. Pensou, então, quanto melhor fora ter dado à costa naquele sítio, pois não só as tartarugas lhe teriam

fornecido alimento em abundância, como também havia muito mais aves e cabras do que no local onde habitava.

Durante a jornada de regresso ao seu refúgio, apANHOU um papagaio novo que, mais tarde, veio a aprender a falar e a chamar pelo seu nome. Havia tanto tempo que não ouvia uma voz, que lhe foi consolador ouvir falar um simples papagaio.

Entretanto, a visão que Robinson tivera da terra longínqua despertara novamente nele a grande ânsia de partir. Como esse projeto exigia um barco, resolveu aproveitar os restos do escaler em que ele e os seus companheiros tinham tentado chegar a terra, quando o navio encalhara num banco de areia, e que o mar tinha arrojado à praia. Trabalhou algumas semanas, tentando consertá-lo. Mas, como estava inutilizado de todo, nada pôde conseguir.

Então, pensou: «Vou deitar uma árvore abaixo e construir outro barco.» Isto afigurava-se-lhe fácil, pois procederia como os índios que fazem as suas canoas abrindo a fogo uma cavidade num simples tronco de árvores. «Se eles o podem fazer, certamente eu farei ainda melhor.» Assim, escolheu uma enorme árvore, que se elevava a cerca de cem jardas da água, e, com grande esforço, ao fim de três semanas, deitou-a abaixo.

Quatro anos trabalhou Robinson no barco, pensando permanentemente no que faria quando

alcançasse aquela terra distante; sentia-se também muito satisfeito consigo próprio pelo belo barco que andava a construir. Ia-o aperfeiçoando e, no dia em que o acabou, ficou muito orgulhoso. Tinha capacidade bastante para transportar vinte homens e só faltava lançá-lo à água. Mas o que se passou foi completamente diferente do que planeara. De nenhum modo o pôde mover, nem sequer uma polegada, embora bem se esforçasse. Era grande demais. Entregou-se, então, ao trabalho de abrir um canal, desde o mar até à canoa, mas ainda pouco fizera quando reconheceu que havia tanta terra a tirar que, sem alguém a auxiliá-lo, levaria anos e anos até conseguir levar a água junto do barco. Por isso, com grande desgosto seu decidiu abandoná-lo, imóvel, a apodrecer ao sol e à chuva.

*ROBINSON CONSTRÓI OUTRO BARCO,
NO QUAL SE FAZ AO MAR*

Durante os quatro anos que Robinson passara na ilha, tinham-se-lhe rasgado todas as roupas e não possuía sequer uma coisa a que pudesse dar-se o nome de chapéu. Vestuário era o que mais precisava, para não andar nu e para evitar que a sua pele empolasse sob o sol ardente; tinha também receio de um golpe de sol, se saísse sem chapéu.

Conservara as peles das cabras e doutros animais, tais como lebres e raposas, que matara. Depois de muitas tentativas, acabou por fazer um chapéu, um casaco e um par de calções de pele de cabra, com o pelo para fora, de maneira a repelir a humidade, quando chovesse. O chapéu era muito alto, tendo no topo uma ponta em bico e atrás uma franja que caía sobre o pescoço. Das peles, à custa de muito esforço, Robinson fez também um chapéu de sol, que podia abrir e fechar; e

se o fato, o guarda-sol e, principalmente, o chapéu não tinham muito bom aspeto, eram muito úteis e permitiam-lhe, quer fizesse sol ou chuva, sair.

Durante os cinco anos que se seguiram nada aconteceu fora do habitual, sendo o tempo de Robinson gasto, na maior parte, com a sementeira e a colheita das suas novidades e com a secagem das passas. Foi então que tentou novamente construir uma canoa, tendo, desta vez, feito uma muito mais pequena do que a primeira, e que, embora lhe tivesse levado perto de dois anos a acabar, conseguiu lançar ao mar. Não tinha tamanho suficiente para que ele pudesse navegar até à distante terra que vira; utilizou-a unicamente para percorrer as costas da sua ilha e para pescar. Fixou-lhe um pequeno mastro, no qual armou uma vela, feita de um bocado de uma das velas do velho navio, e, utilizando um remo para governar o barco, verificou que este flutuava muito bem. Na popa instalou o seu grande chapéu de sol, à laia de toldo.

Um dia em que resolveu dar a volta a toda a ilha, Robinson levou algumas provisões para bordo e, pegando na espingarda, partiu em viagem. Tudo correu bem até chegar à parte oeste da ilha, onde avistou uma cadeia de rochedos – que se espalhavam numa extensão de oito ou nove milhas pelo mar adiante – e, para além destes, um banco de areia. A Robinson não agradava a ideia de se aventurar tão longe num barco tão

pequeno; por conseguinte, dirigindo o barco para terra, trepou a um monte, a fim de alcançar boa perspectiva dos rochedos e dos baixios, antes de se aproximar deles. Da colina, viu que uma forte corrente rodeava o banco de areia, que se mostrava bem destacado da água e fortemente batido pelo mar. Calculou haver ali um remoinho que lhe permitisse, sem perigo, circundar aquele local, sem o trazer para os lados da ressaca. Contudo, nesse dia e no seguinte, houve bastante vento, que soprava em direção contrária à corrente, o que, como é natural, encapelava demasiadamente o mar, impedindo um pequeno barco de navegar. Por esse motivo, Robinson deixou-se ficar onde estava.

Ao terceiro dia, como o tempo estava calmo, partiu. Mas, mal havia chegado à altura do banco de areia, achou-se no meio de águas profundas, com uma corrente veloz como a da calha de um moinho, que arrastou a canoa para muito longe da terra, a despeito de todos os esforços que fez com o remo. Não fazia vento, o que tornava inútil a vela.

Robinson considerava-se perdido, pois, por mais que remasse, via o barco ser arrastado para cada vez mais longe. A ilha depressa ficou tão distante que Robinson a custo a avistava; estava completamente exausto da violenta luta de governar o bote contra a corrente. Sentia-se desesperado e, parando de remar, deixou o barco seguir à deriva. Precisamente nesse

momento, sentiu no rosto uma leve aragem; então, içou apressadamente a vela.

Daí a pouco, soprava uma brisa favorável que o levou para além de uns recifes perigosos. Ali, a corrente parecia dividir-se, o braço onde ele agora estava descrevia uma curva em direção à ilha; cobrando ânimo, fez com o remo tudo o que pôde em auxílio da vela. Robinson sentia-se como um homem a quem tivessem posto em liberdade depois de lhe terem dito que ia morrer. Quase chorava de alegria. Navegou milhas e milhas, até se aproximar de terra, tendo, por fim, desembarcado, alta noite, do outro lado do promontório que, de manhã, procurara circundar. Puxou o barco para a margem de uma pequena enseada que encontrou e, depois de o ter amarrado, de maneira a que a maré o não levasse para longe, ali se deitou no meio das árvores e, exausto, adormeceu profundamente.

De manhã, embarcou novamente e costeou junto à terra, até chegar a uma baía onde desaguava uma ribeira e que lhe pareceu um bom ancoradouro para a canoa. Deixou-a ali e pôs-se a caminho.

Pouco depois, reconheceu que não estava longe do local que já uma vez visitara; pela tarde, chegou à sua cabana. Transpôs a paliçada servindo-se da escada, como costumava, recolhendo-a em seguida, e deitou-se a repousar à sombra, pois ainda estava muito cansado

da árdua tarefa do dia anterior. Em breve, adormeceu. Mas qual não foi a sua surpresa ao ser acordado, pouco depois, por uma voz que o chamava:

– Robin! Robin Crusoé! Onde estás?

A princípio, julgou estar sonhando. Mas a voz continuava:

– Onde estás, Robin?

Deu um salto, a tremer de susto e de assombro, pois há tanto tempo que não ouvia uma voz que imaginou ser algo de sobre-humano o que estava agora a ouvir. Porém, mal se levantara, avistou empoleirado numa árvore próxima o seu papagaio, que viera ter com ele. Continuou a tagarelar um grande bocado, muito entusiasmado por ver outra vez o dono, e Robinson mal sabia se devia ficar mais sossegado, se desapontado por ser simplesmente uma ave que o chamava.

A partir deste dia, Robinson permaneceu no mesmo lado da ilha, empregando o tempo, principalmente, a tratar dos seus terrenos e a fazer pratos e panelas de barro. Já aprendera a cozê-los convenientemente. Fez, além disso, cachimbos, que lhe foram de grande utilidade, pois conseguiu extrair muito bom tabaco das plantas silvestres que cresciam em redor. E, como receasse que a pólvora lhe começasse a faltar, meditou muito na melhor maneira de apanhar a laço, e não a tiro, as cabras necessárias à sua alimentação. Após muitas tentativas, verificou que o melhor sistema era abrir

buracos, que cobria com ramos e folhas, sobre os quais espalhava terra, o que fazia com que neles caísse qualquer corpo pesado que passasse por cima. Desta forma, apanhou muitas cabras, conservando e domesticando os cabritos e chegando a ter um grande rebanho.

Guardava-os em pequenas cercas protegidas por estacas.

*ROBINSON DESCOBRE UMA PEGADA E
ENCONTRA VESTÍGIOS DUM FESTIM DE CANIBAIS*

Durante este período, Robinson não voltou a andar na canoa, mas, apesar de ainda recordar com pavor os perigos que tinha corrido, começava a apetecer-lhe fazer-se novamente ao mar. Um dia subiu ao monte para, mais uma vez, observar o movimento das correntes. Notou que se não via nenhuma, pelo que concluiu que deviam depender da vazante e da enchente da maré. Isso permitiu-lhe escolher a fase propícia e, sem se aventurar para longe, passou a deslocar-se na canoa até à sua outra casa.

Um dia, quando Robinson caminhava pela areia em direção ao seu barco, de repente, como se tivesse sido atingido por um tiro, estacou à beira da água, com o coração oprimido, varado de assombro e de medo, perante o que viu: a marca de um pé descalço na areia! Sabia que não podia ser o seu, pois era de feitio completamente diferente. De quem seria?

Esteve à escuta, olhou para todos os lados, mas não conseguiu ouvir nem ver nada. Correu até ao cimo duma elevação de terreno e observou em redor. Não se via nada. Procurou mais pegadas por toda a praia, mas não achou nenhuma.

De quem seria a pegada? Talvez, pensava ele, de alguém que, saindo furtivamente do meio do arvoredo, o viesse atacar ou assassinar enquanto dormia.

Apressou-se a regressar a casa, aterrorizado, em constantes sobressaltos e voltando-se para todos os lados, a pensar que o seguiam e a imaginar, muitas vezes, que um tronco ou uma moita era um homem que o esperava para lhe saltar em cima. Nessa noite não dormiu nada, tendo os nervos tão abalados que um grito de uma ave noturna, ou até os ruídos produzidos por um inseto ou uma rã, o faziam estremecer de medo e lhe cobriam a testa de suores.

Todavia, como os dias se sucedessem e nada acontecesse, Robinson passou a sentir-se menos inquieto, recomeçando o seu trabalho habitual. Reforçou a estacada à roda do seu castelo e dividiu-a em sete pequenas seteiras, nas quais colocou, apoiados em cavaletes, mosquettes carregados, prontos a fazer fogo, no caso de ser atacado. A alguma distância do lado exterior da estacada, plantou um apertado círculo de pequenas estacas, de tal maneira que, em breve, uma perfeita mata de arbustos e moitas ocultava todos os sinais da sua habitação.

Passaram-se anos tranquilos, não tendo acontecido mais nada que inquietasse Robinson ou lhe recordasse a pegada que tanto o havia assustado. Porém, conservava-se mais tempo no interior da ilha do que antigamente e não perdia ocasião de procurar bons escondrijos, na hipótese de alguma vez precisar deles. E andava sempre com um sabre, uma espingarda e um par de pistolas.

Contudo, um dia, tendo ido mais para oeste da ilha do que de costume, e estando a perscrutar o mar, pareceu-lhe ver, a grande distância, qualquer coisa como um bote ou uma comprida canoa, mas tão longe que não tinha a certeza do que seria. Isto decidiu-o a, de futuro, trazer sempre consigo o óculo que salvara do naufrágio.

A vista desse suposto barco despertou-lhe, de novo, inquietação. Desceu à praia onde se lhe deparou um espetáculo que o encheu de horror. Por toda a parte se achavam crânios, ossos humanos e pedaços de carne queimada dispersos, junto aos restos de uma grande fogueira. Robinson ficou aterrado, sentindo náuseas mortais. Facilmente compreendeu o sentido do terrível espetáculo. Significava que tinham ali estado canibais a matar e a comer as suas vítimas, de acordo com a prática característica de algumas civilizações primitivas que matam os prisioneiros de guerra e se banqueteam com os corpos assados, comendo até mais não poderem. Às

vezes, se o homem que eles vão comer é muito magro, poupam-no e alimentam-no até o acharem suficientemente gordo.

Ao olhar em redor, Robinson viu muitos ossos espalhados. Eram tantos que deduziu que, durante todos aqueles anos, tinha habitado uma ilha que era o ponto habitual onde os indígenas vinham fazer tais banquetes. Viu então que fora uma providência ter naufragado do outro lado da ilha, aonde, supunha ele, os canibais nunca iam, porque a praia não lhes era tão acessível para o desembarque.

Horrorizado, Robinson voltou rapidamente para casa e durante quase dois anos não tornou a aproximar-se daquele local sinistro nem visitou a sua canoa. Porém, meditava constantemente em como poderia um dia matar esses canibais enquanto eles se banqueteariam, e talvez salvar alguns dos pobres homens que eles ainda não tivessem matado. Às vezes, pensava em colocar pólvora sob o sítio onde fosse provável eles acenderem a fogueira e, dessa maneira, fazê-los ir pelos ares. Mas não lhe parecia boa solução, porque não desejava desperdiçar a pólvora e podia dar-se o caso de eles não acenderem a fogueira nesse local ou não estarem ao pé dela quando se desse a explosão. Decidiu procurar um lugar onde se esconder, próximo daquele onde estavam as ossadas, acabando por descobrir um bom sítio donde podia aguardar o seu desembarque.

Perto desse local havia árvores, no meio das quais se poderia ocultar e disparar sem perigo de errar.

Projetou que, se se desse o caso de voltar a ver os selvagens quando eles regressassem para um dos seus horríveis festins, se ocultaria até se oferecer uma boa oportunidade de disparar. Descarregaria, então, a sua espingarda e as suas pistolas e, depois, de sabre em punho, arremessar-se-ia sobre os sobreviventes. Contava, desta forma, matá-los todos, mesmo que fossem uns vinte, pois seriam tomados de surpresa e, no meio da confusão, não conseguiriam valer-se das lanças e das armas.

Depois de esboçado este plano, Robinson ficou tão satisfeito que, durante algum tempo, percorria todos os dias três milhas até ao seu observatório, para, através do óculo, procurar sinais de canoas que viessem navegando em direção à ilha. Mas, ao fim de dois ou três meses sem resultado, cansou-se. Jamais se via uma mancha sobre a água, fosse para que lado fosse. Começou a ir cada vez com menos frequência ao observatório, acabando por abandonar esse projeto. Talvez também pensasse que os selvagens não tinham culpa e só faziam o que os seus antepassados lhes haviam ensinado. Era um costume desses países selvagens, e Robinson concluiu que não tinha direito de intervir, a não ser que eles o atacassem primeiro. Alegava também que, se fosse ele que os atacasse e não os matasse todos, um só

que escapasse certamente iria contar tudo à sua tribo, logo que lá chegasse, e então viriam às centenas para assassinar Robinson, em vingança daqueles que ele matara. E, sem dúvida alguma, comê-lo-iam, ideia que era terrível.

Em suma, afigurava-se-lhe mais sensato afastar-se inteiramente dessa parte da praia e ocultar, tanto quanto possível, todos os vestígios de que alguém habitava a ilha. Por essa razão, não voltou durante mais de um ano a esse sítio, a não ser para retirar e esconder a sua canoa; conduziu o barco, com o mastro, a vela e o remo, bem como uma espécie de pequena âncora que havia feito, para o extremo oriental da ilha. Tinha a certeza de que os selvagens nunca ali iriam nas suas canoas, por causa da forte corrente que habitualmente passava além dos penhascos; portanto, deixou o barco ancorado numa pequena enseada abrigada por elevados rochedos.

Robinson agora guardava, mais do que nunca, as suas duas casas, raramente as deixando, salvo para ir a um vale profundo que descobrira, através do qual deslizava uma pequena corrente de água, límpida como cristal, e onde tinha as suas cabras, fechadas num cercado. Quase deixou de fazer fogo com a espingarda, não fosse levar os selvagens a descobrir a causa da detonação, e, pela mesma razão, até tinha medo de rachar lenha ou pregar um prego. Além disso, era

particularmente cuidadoso em nunca acender lume durante o dia, pois nada se distingue tão facilmente ao longe como o fumo, o que seguramente atrairia os selvagens aonde ele estivesse, se estes se encontrassem na ilha ou nas suas proximidades.

Por conseguinte, quando precisava de fazer uma fogueira, como frequentemente acontecia, a fim de cozer os pratos e as panelas de barro que fabricava, acendia-a geralmente de noite. Mas, às vezes, acendia-a mesmo de dia, no vale, onde o fumo não se destacava tão nitidamente no espaço ou sobre o escuro do arvoredo, devido ao barranco ser profundo e ficar mesmo no meio da ilha.

Por essa ocasião, encetou o fabrico de carvão, queimando lenha coberta de terra e de erva, servindo-se deste combustível para cozinhar os seus alimentos, porque o carvão não faz fumo.

*ROBINSON DESCOBRE UMA CAVERNA E OUV
TIROS DISPARADOS POR UM NAVIO EM PERIGO*

Um dia, estava Robinson no fundo do vale a cortar ramos grossos para queimar e fazer carvão, quando descobriu, ao pé de um grande penhasco, junto ao chão, uma espécie de abertura. Robinson enfiou-se com alguma dificuldade por esse buraco, achando-se numa caverna de apreciável tamanho e com altura suficiente para, pelo menos, se estar de pé lá dentro. Sentiu-se por completo às escuras, pois que vinha da luz do Sol; voltava as costas à entrada a tatear o caminho, quando, de repente, divisou ao fundo da gruta dois grandes olhos chamejantes a chisparem na sua direção. Os cabelos eriçaram-se-lhe de terror, pois imaginou que devia ser, pelo menos, o diabo que estava vendo; por isso, soltou um grito e escapou-se através da abertura da caverna.

Porém, logo que mergulhou na brilhante luz do Sol, principiou a sentir-se envergonhado do seu susto e

refletiu que o que vira não era mais do que o produto da sua imaginação. Por isso, apanhando uma acha da fogueira, voltou lá.

Ainda Robinson não dera três passos quando estacou, possuído de um terror quase tão grande como da primeira vez. Ouviu a seu lado um grande suspiro, como de alguém a sofrer, seguido de um som parecido com um murmúrio, como se fosse de palavras que ele não distinguia, e a seguir novamente um profundo suspiro. Um suor frio se lhe espalhou por todo o corpo, recuou novamente, a tremer, resolvido, contudo, a não fugir desta vez.

Levantando o archote acima da cabeça, olhou em volta e viu, deitado no chão da caverna, um enorme bode velho, a exalar o último suspiro, aparentemente a morrer de simples velhice.

Tocou-lhe com a ponta do pé, para ver se ele saía da gruta, mas o pobre animal não se pôde levantar, e Robinson deixou-o onde estava.

Agora que se restabelecera do susto, Robinson observava cuidadosamente à sua volta. A gruta era pequena – não tinha mais de quatro metros na sua maior largura – mas ele notou, a um canto, outra abertura. Contudo, era tão rente ao chão que teve de se arrastar para por ela passar, mas, sem melhor luz que o archote, não podia ver até onde esta o conduzia. Desse modo, resolveu voltar noutra ocasião.

Robinson havia muito que fizera da gordura das cabras que matara um bom fornecimento de velas e, no dia seguinte, voltou à caverna com seis velas dessas e o isqueiro para as acender. Nessa época não havia fósforos, costumando-se fazer lume com aço e pedreneira e com a isca, que era uma torcida que, de uma faísca, pegava fogo com muita facilidade.

Ao entrar na caverna, Robinson viu que o bode já tinha morrido. Afastou-o para o lado, pôs as mãos e os joelhos no chão e arrastou-se cerca de nove metros através da estreita passagem, até chegar a um grande compartimento, cujo teto estava a uma altura de vinte pés. Por todos os lados, as paredes refletiam a luz da sua vela e cintilavam como oiro ou quase como diamantes, segundo pensava. O chão apresentava-se perfeitamente enxuto e plano, nem sequer havendo humidade nas paredes, pelo que Robinson se sentiu satisfeito com a descoberta.

O seu único ponto de retirada era a abertura baixa mas, como resolveu utilizar a caverna principalmente como lugar de refúgio no caso de ser atacado, isso era uma vantagem, porque um homem com armas de fogo facilmente se defenderia de numerosos adversários.

Robinson tratou imediatamente de ali armazenar a sua pólvora – exceto três ou quatro libras – o chumbo para fabricar cartuchos e os mosquetes e espingardas. Quando transportou a pólvora, achou conveniente abrir

uma barrica que, do navio naufragado, flutuara para terra, depois do terramoto; embora a água lhe tivesse penetrado, não fizera grande estrago, pois a pólvora só se tinha empastado do lado de fora, restando cerca de sessenta libras completamente enxutas e aproveitáveis.

Já havia mais de vinte e dois anos que Robinson estava na ilha, tendo acabado por se habituar completamente àquela maneira de viver. Se tivesse a certeza de que os selvagens não se aproximariam dele, sentir-se-ia quase disposto a passar ali o resto dos seus dias até morrer de velhice, como morrera o bode que encontrara na caverna.

Estava-se nos fins de dezembro – a época das colheitas – e Robinson costumava sair para os campos, ainda antes de ser dia. Uma manhã, ansioso por terminar a colheita, deixara a sua casa mais cedo que de costume, muito tempo antes de as estrelas terem cessado de brilhar e o primeiro rubor da aurora despontar no horizonte. Ao atravessar um terreno mais elevado, entre o seu castelo e a seara de trigo, ocasionalmente olhou na direção do mar.

Aterrorizado, viu na praia e no mesmo flanco da ilha uma fogueira acesa, compreendendo que esta só podia ter sido feita pelos canibais, que mais uma vez tinham desembarcado.

Voltou, a correr, ao seu castelo e saltou a estacada. Rapidamente carregou todos os mosquetes e pistolas,

pronto a defender-se até ao último alento, pois tinha a certeza de que, se acaso os selvagens vissem as suas searas, compreenderiam que alguém habitava a ilha e não descansariam enquanto o não encontrassem.

Mas, depois de ter esperado algum tempo sem que nada acontecesse, Robinson não pôde suportar mais a incerteza. Pegando no óculo, encostou a escada contra a rocha e, apoiando-se ali, subiu ao cume do rochedo, onde se deitou a observar ansiosamente pelo óculo.

Viu que havia pelo menos nove selvagens, todos sentados à roda da fogueira, a cozinharem qualquer coisa, mas o que cozinhavam é que ele não podia dizer, embora não fosse difícil de conjecturar.

Passado algum tempo, começaram numa espécie de dança em volta da fogueira, todos completamente nus, durando a festança quase duas horas.

Os canibais tinham duas canoas que estavam varadas na praia e, como houvesse baixa-mar, supôs que eles esperassem pela maré para partirem de novo. E assim aconteceu. Empurrando as canoas, saltaram para bordo e abalaram, pagaiando.

Logo que Robinson se certificou de que realmente se tinham ido embora, dirigiu-se a toda a pressa ao monte de onde, pela primeira vez, havia já muito tempo, tinha visto sinais de selvagens e, olhando pelo óculo, avistou mais três canoas no mar a afastarem-se da ilha. Descendo à praia, contemplou um horrível espetáculo:

crânios, pedaços de carne e ossos e sangue recente por toda a parte, ainda mal absorvido pela areia.

Este horrível espetáculo impressionou tanto Robinson que, mais uma vez, decidiu que, logo que aparecesse a primeira oportunidade, atacaria os canibais, por muitos que fossem, e mataria todos os que pudesse. No entanto, viveu durante muito tempo ainda em grande desassossego, nunca tendo a certeza de que, de um momento para o outro, não fosse apanhado de surpresa. Muitas vezes preferia que chegasse o momento de os atacar, pois a incerteza é sempre mais custosa de suportar do que qualquer ação, por perigosa que seja.

Mas muitos meses se passaram sem que avistasse selvagens, apenas inquietado por sonhos terríveis, que de noite o faziam muitas vezes acordar em sobressalto, a gritar e a debater-se, pensando que grupos de selvagens procuravam matá-lo.

Um dia, por meados de maio seguinte, desencadeou-se um grande temporal, com muita trovoada, relâmpagos e chuva, soprando durante a noite o vento como um perfeito furacão. Robinson estava sentado a ouvir o bramido do vento e, às vezes, lia a Bíblia, que tinha encontrado numa das arcas dos marinheiros, quando não podia dormir.

De repente, foi despertado por uma espécie de estrondo surdo que parecia sacudir até o próprio ar – um estrondo semelhante a qualquer coisa muito pesada

mas mole que caísse no chão dum aposento do andar superior àquele em que nos encontrássemos. E este ruído foi, cerca de um minuto depois, seguido de outro. Desta vez, ouviu-o mais distintamente, parecendo-lhe que eram sons de artilharia fazendo fogo no mar, que deviam partir de algum navio em perigo, a pedir socorro.

Robinson saiu precipitadamente e, trepando pela escada, chegou ao cimo do rochedo a tempo de ver o relampejar doutro tiro, na direção dos recifes do extremo da ilha.

Se ele, por si, não podia prestar auxílio à gente de bordo, talvez que, se eles se salvassem, o auxiliassem; por isso, juntou toda a lenha enxuta que pôde apanhar e, fazendo uma grande pilha, deitou-lhe fogo, para assinalar ao navio que havia alguém na ilha. Teve a certeza de que fora visto o sinal, pois que, logo que ele brilhou, dispararam outro tiro, seguido de muitos outros, durante algum tempo.

Robinson deixou a fogueira a arder toda a noite e, quando amanheceu e a tempestade abrandou, afigurou-se-lhe ver, ao longe, para leste, qualquer coisa que se parecia com um navio. Imaginou que estivesse ancorado, pois conservava-se imóvel. Mas a distância era grande demais e o tempo estava demasiado encoberto para que pudesse ter absoluta certeza de estar vendo um navio.

Passado um bocado, quando o tempo aclarou, ao subir ao monte donde há muito tempo contemplava a corrente que passava além dos rochedos, pôde ver distintamente que era um navio, mas, com mágoa, percebeu que estava naufragado junto dos recifes onde ele, no dia em que se fizera ao mar, encontrara a corrente dividida.

A tripulação devia, sem dúvida alguma, ter perecido. E Robinson encheu-se de tristeza e de dor ao pensar que talvez tivesse estado perto de compatriotas e que nem um sequer conseguira chegar a terra. Tinha saudades de ver um branco, alguém com quem pudesse falar. Mas tudo o que viu da tripulação, além do que mais tarde encontrou no navio, foi o cadáver dum rapaz que flutuava junto à praia, na ponta da ilha mais próxima do local do naufrágio. Não podia dizer pelas roupas que cobriam o cadáver a que nação o rapaz pertencia. Nas algibeiras havia duas moedas de ouro e um cachimbo, que veio a ter utilidade para Robinson.

f

ROBINSON VISITA O NAVIO ESPANHOL NAUFRAGADO E SALVA UM PRISIONEIRO DOS CANIBAIS

Quando o tempo voltou a estar calmo e seguro, Robinson sentiu-se extraordinariamente tentado a aventurar-se no seu barco até junto do navio naufragado, apesar das circunstâncias apertadas em que se vira, havia tempos, nesse local; refletiu porém, que podia haver ainda alguém vivo a bordo, pelo que se animou a arriscar-se. Desta vez, pôs no barco uma bússola, assim como grande provisão de alimentos e água, pagaiou ao longo da praia, até chegar junto da extremidade do banco de areia onde a corrente passava com tanta impetuosidade. Mas ali fraquejou-lhe a coragem. Uma vez entrado nessa corrente, como conseguiria sair dela? E, se fosse arrastado para o mar e uma rajada o fizesse saltar, que probabilidades haveria de que o seu barquinho lhe resistisse? E tão desanimado estava com essa ideia que se retirou, dirigindo o barco para terra.

Tendo subido a um penhasco elevado, ali estava, havia horas, sentado, a olhar para a água, tentando recuperar o ânimo para se aventurar até ao navio naufragado, quando reparou que a corrente agora descia em sentido contrário àquele em que fora impelido quando da primeira vez a vira. Ocorreu-lhe que isto fosse motivado pelas marés e pareceu-lhe provável que, se escolhesse a oportunidade, a corrente conduzi-lo-ia junto do navio e, em razão da próxima maré, ajudá-lo-ia a regressar.

Parecia-lhe isto tão simples e fácil que resolveu arriscar-se no dia seguinte. Dormindo essa noite na canoa, partiu de manhã cedo, e, em pouco mais de duas horas, são e salvo alcançou o navio, sem nenhuma dificuldade.

O barco apresentava um lamentável aspeto. Robinson julgou-o espanhol, pela construção. Assentava num recife e estava apertado entre duas rochas, com a ré toda arrombada pelo mar. O mastro grande e o de traquete haviam caído com o embate e pendiam do navio no meio de um emaranhado de cordoalha e mastaréus. As bordas falsas, os alcatrates e as escadas de popa tinham desaparecido e da serviola ainda estava suspensa parte dum escaler que fora arrebatado pelo mar furioso, antes que a tripulação tivesse conseguido arreá-lo. A bordo nada vivo se via, exceto um cão, que uivou quando viu Robinson a aproximar-se e saltou ao mar, nadando ansiosamente na sua direção, quando lhe

falou. Pobre animal! Estava quase morto de sede. Robinson deu-lhe água e comida e o animal bebeu tanto que ele até receou que rebentasse.

Depois, Robinson subiu a bordo. A primeira coisa que viu foi dois homens estendidos na cozinha, mortos e abraçados um ao outro. Além disto, mais nenhum vestígio havia de seres humanos. Qualquer que tivesse sido o carregamento do barco, fora na sua maior parte varrido pelo mar. Havia ainda alguns barris de aguardente e de vinho, no porão, mas eram pesados demais para Robinson os transportar. Viu no castelo da proa alguns baús, que, com toda a probabilidade, tinham pertencido aos homens da tripulação. Levou dois para dentro do bote, juntamente com um barrilinho de licor e outras coisas: um polvorinho cheio de pólvora, uma pá de fogão e tenazes (de que tivera sempre muita necessidade), duas caldeirinhas, uma panela de cobre e uma grelha. Isto e o cão foi tudo o que levou do navio. O cão tornou-se uma grande distração e companhia para ele, pois o animal que trouxera do seu navio já morrera havia muitos anos.

A não ser o que encontrou nos baús dos marinheiros, nada havia de valor entre os objetos que trazia. Nos baús encontrou muitas coisas que apreciou: camisas de linho, lenços, gravatas de cor, potes de doce, uma caixa de garrafas de licores, primorosamente trabalhada a prata e, o que então lhe era de menor valia, três

grandes sacos com objetos de ouro, além de dobrões e barras do mesmo metal. Mas todo esse ouro tê-lo-ia ele trocado então, de boa vontade, por alguns pares de meias e de sapatos ingleses, pois de nenhuma utilidade lhe era na ilha. Todavia, arrecadou o dinheiro e o ouro na caverna, juntamente com as outras coisas, e, em seguida, voltou para dirigir o seu barco, ao longo da costa, até ao ancoradouro onde o costumava guardar.

Mas o espetáculo do navio naufragado e dos homens afogados tinha-lhe novamente despertado a ânsia de se ir embora. Pensava ele que, se possuísse uma embarcação tão boa como aquela em que fugira dos piratas, não teria permanecido mais tempo na ilha e aproveitaria a oportunidade para alcançar qualquer terra onde habitassem brancos. Mas, com o frágil barquinho que tinha, tal plano era impossível e não tinha outra saída senão continuar a viver como já há tanto tempo vivia, constantemente no temor quotidiano de um ataque dos selvagens.

E, contudo, de tempos a tempos, quando se sentia de espírito mais abatido que habitualmente, quando o fardo da vida solitária o oprimia mais, Robinson pensava que se os selvagens podiam vir ao seu domínio ele, seguramente, poderia ir ao deles. Donde vinham? Onde era a sua terra? Que espécie de embarcações possuíam? E tão impaciente estava, às vezes, por ir que nem refletia no que faria quando lá chegasse ou no que

seria de si se caísse nas mãos dos selvagens. O seu espírito estava totalmente dominado pela ideia de alcançar o continente e todos os seus sonhos se reduziam a isso.

Uma noite em que, perturbado de espírito, quase atingira o estado febril, deitou-se, conservando-se muito tempo acordado, a chorar e em grande agitação, até que, por fim, adormeceu. Sonhou, não o que habitualmente sonhava, mas que se preparava para navegar rumo ao continente e que, ao deixar o seu castelo, pela manhã, via na praia duas canoas e onze selvagens a desembarcar. Com eles vinha um prisioneiro, que eles se preparavam para matar e comer, quando, de repente, este deu um salto e fugiu, procurando salvar a vida. No sonho, Robinson viu que o homem corria a esconder-se na mata à roda do castelo e, em face disso, ele saía em seu auxílio. Então o selvagem caiu de joelhos, a pedir-lhe misericórdia. Robinson fê-lo subir a escada para dentro do castelo, dizendo para consigo: – «Agora, que adquiri este companheiro, posso com certeza partir para o continente, pois ele me indicará o rumo a seguir e para onde ir quando desembarcarmos». – Acordou com a alegre sensação de que, enfim, tudo haveria de correr bem. Mas quando despertou de todo e compreendeu que, afinal, não passara de um sonho, o pobre Robinson sentiu-se mais abatido do que dantes e mais infeliz do que tinha sido durante as anos todos que vivera na ilha.

O sonho teve, contudo, um resultado: viu que o seu único meio de partir era, se fosse possível, salvar um dia um dos prisioneiros que os canibais estivessem a ponto de matar e, oportunamente, conseguir que o homem o ajudasse a conduzir a sua canoa pelo mar fora.

Nesta ideia, pôs-se a vigiar, com mais persistência do que fizera anteriormente, o desembarque dos selvagens, indo, durante mais de ano e meio, quase todos os dias, para o seu ponto de observação, a investigar o mar com o óculo, na esperança de avistar canoas a aproximarem-se. Mas não vinha nenhuma e Robinson sentia-se terrivelmente enfastiado da vigia constante. Contudo, não renunciou a ela, pois sabia que, mais cedo ou mais tarde, os selvagens voltariam.

Entretanto passaram-se muitos meses sem eles aparecerem. Finalmente, uma manhã, muito cedo, quase com surpresa sua, viu nada menos do que cinco canoas varadas na praia, no mesmo lado da ilha. Os selvagens que nelas tinham vindo não se viam em parte alguma. No entanto, Robinson sabia que cada canoa comportava quatro a seis homens, o que significava que haviam desembarcado, pelo menos, uns vinte ou trinta. Era este um número maior do que ele contava afrontar, de maneira que se encerrou no seu castelo, numa grande indecisão sobre o que devia fazer, mas disposto a lutar, no caso de o atacarem.

Como esperasse há muito tempo e não tivesse, entretanto, notícias de selvagens, trepou a escada e chegou ao alto do rochedo, tomando grandes precauções para não se destacar na linha do horizonte. Observando através do seu óculo, verificou que havia, pelo menos, trinta selvagens, a dançarem loucamente em redor de uma fogueira.

Enquanto ele os observava, uns separaram-se dos outros e, dirigindo-se às canoas, trouxeram de rastos dois prisioneiros. Um deles caiu de bruços quase no mesmo instante, derrubado pela retaguarda com uma clava de madeira, segundo pareceu a Robinson; imediatamente, dois ou três canibais o fizeram em bocados, a fim de ficar preparado para ser cozinhado. Quanto ao outro prisioneiro, deixaram-no sozinho, por alguns momentos.

Vendo uma oportunidade para fugir, o homem precipitou-se, numa corrida veloz, através da areia, direito a um ponto da praia, próximo do castelo de Robinson.

Isto alarmou-o muito, pois afigurava-se-lhe que os selvagens partiriam todos em perseguição do prisioneiro. Não podia deixar de pensar que, provavelmente, como vira no seu sonho, esse homem viria procurar abrigo na mata que rodeava o castelo e, nesse caso, Robinson teria certamente de se bater mais do que era do seu agrado, pois todo o grupo de canibais cairia sobre ele ao mesmo tempo.

Enquanto observava o pobre homem a fugir para defender a vida, reparava que ele corria muito mais depressa que os seus perseguidores, dos quais só três o continuavam a perseguir. Se ele se aguentasse mais umas duas milhas, poucas dúvidas havia de que poderia escapar. Entre o castelo e os selvagens que corriam, havia um braço de água, que Robinson utilizara para nele fazer entrar as jangadas precedentes do navio naufragado. O fugitivo, quando ali chegou, mergulhou e, embora a maré estivesse cheia, em menos de trinta braçadas vigorosas alcançou a outra margem, continuando a correr a longas passadas. Dos homens que o perseguiram, dois mergulharam também e nadaram para o outro lado, mas com menos rapidez que o fugitivo, pois estavam fatigados da corrida e tinham comido antes. O terceiro homem parou e voltou pelo mesmo caminho por que viera.

Ao ver o rumo que os factos estavam levando, pareceu a Robinson que lhe chegava agora a ocasião de arranjar um criado e resolveu salvar a vida do homem que vinha a fugir dos canibais. No mesmo instante, desceu apressadamente a escada, agarrou em duas espingardas e, correndo tão depressa quanto podia, colocou-se entre o homem e os seus perseguidores, gritando-lhe que parasse. Ele olhou para trás e, ao reparar em Robinson, mostrou, ao princípio, tanto medo dele como daqueles que procuravam apanhá-lo. Mas Robinson falou-lhe novamente e fez-lhe com a mão sinal para

voltar, caminhando, entretanto, vagarosamente, para os outros que vinham a aproximar-se. Então, atirando-se ao da frente, deitou-o abaixo, sem sentidos, batendo-lhe com a coronha da espingarda, porquanto lhe pareceu mais prudente não fazer fogo, não fosse o estrondo alertar os outros canibais.

O segundo homem, vendo o seu companheiro no chão, hesitou e parou, mas Robinson viu ao aproximar-se, que o selvagem tinha na mão um arco e uma flecha e que se preparava para disparar. Não hesitou então, um tinha de ser o primeiro a atirar...

Foi o que Robinson fez, matando-o instantaneamente.

Perante isto, o selvagem que havia sido perseguido pelos outros ficou tão aterrado pelo relâmpago e pelo estampido da espingarda e por ver o seu inimigo cair morto que estacou aparvalhado, a tremer. Robinson teve grande dificuldade para o convencer a que se aproximasse, o que ele fez, parando a alguns passos e ajoelhando. Por fim, chegando junto de Robinson, ajoelhou outra vez, beijou o chão e, pegando-lhe num pé, pô-lo sobre a cabeça, que apoiou na areia.

Enquanto isto se passava, Robinson reparou que o selvagem que derrubara começava a mexer-se e a recuperar os sentidos. Chamou para esse facto a atenção do homem que salvara, o qual pronunciou algumas palavras que Robinson não pôde compreender, mas que

lhe soaram deleitavelmente ao ouvido, pois havia mais de vinte e cinco anos que não ouvia outra voz senão a sua. Depois, fez um gesto com a mão, como que a pedir o sabre que pendia da cintura de Robinson e, logo que a arma lhe foi entregue, correu para o seu inimigo e, de um golpe certo, cortou-lhe a cabeça. Em seguida, a rir-se, pegou nela e deitou-a, juntamente com o sabre, aos pés de Robinson.

Mas o que lhe causava maior admiração era a maneira como o selvagem sobre quem Robinson disparara fora morto a tão grande distância. Foi observar o cadáver, voltando-o repetidas vezes e olhando muito tempo, evidentemente embaraçado, para a ferida que a bala lhe fizera no peito.

Robinson tratou então de se retirar, acenando ao selvagem para que o seguisse, mas o homem fez-lhe sinal de que queria enterrar os dois cadáveres na areia, de maneira a que os outros não os encontrassem, no caso de os terem seguido. Com as mãos, depressa abriu covas bastante fundas para meter os cadáveres e, em menos de um quarto de hora, a custo se poderia encontrar um vestígio do que acontecera.

Fazendo-o sair dali, Robinson levou-o então consigo, não para o castelo, mas para a caverna, onde lhe deu comida e água; em seguida, fez-lhe sinal para que se deitasse a descansar, apontando-lhe um molho de palha de arroz.

O homem depressa adormeceu profundamente. Era, no parecer de Robinson, esbelto e bem constituído; os músculos dos braços, das costas e das pernas patenteavam grande vigor e todos os seus membros eram admiravelmente proporcionados. Tanto quanto pôde conjeturar, devia ter cerca de vinte e seis anos, com uma expressão varonil e bondosa e longos cabelos pretos. O nariz e os lábios eram semelhantes aos de um europeu e os dentes brancos e certos. A pele não era negra, mas de chocolate fino, irradiante de saúde e agradável à vista.

COMO ROBINSON EDUCOU SEXTA-FEIRA

Enquanto o homem dormia, Robinson saiu para mungir as cabras e foi nessa tarefa que o selvagem o encontrou. Correndo, deitou-se aos pés de Robinson, um dos quais ele, mais uma vez, tal como anteriormente, levantou e pôs sobre a cabeça. Ao mesmo tempo, exprimia toda a espécie de sinais de gratidão e de submissão.

Robinson começou a falar-lhe, tentando ensinar-lhe algumas coisas. Primeiro fê-lo compreender que o seu nome passava a ser Sexta-Feira (fora o dia da semana em que Robinson o salvara de uma morte horrível). Em seguida, ensinou-lhe a significação de «sim» e «não» e a chamar a Robinson «senhor».

Sexta-Feira mostrou grande sagacidade e desejo de aprender. Parecia sentir-se feliz, satisfeito e livre de cuidados; só a roupa que Robinson lhe fizera usar lhe provocou ao princípio um grande mal-estar, pois que naquelas regiões quentes do globo os indígenas não

usam fato, andando sempre mais ou menos nus. E talvez sejam assim mais saudáveis, pois quando chove cobrem a pele de óleo de coco, escorrendo-lhe a água pelo corpo, sem os resfriar, não apanhando constipações por envergarem vestimentas húmidas. Às vezes, fazem tangas de folhas de bananeira, as quais têm dois a três pés de comprido, que usam em redor da cintura; como ornamento, seguram flores vermelhas atrás das orelhas ou penduram-nas à roda do pescoço. Mas não usam outras roupas.

Mesmo as tangas e os adornos só os trazem excepcionalmente, pois os indígenas que vivem na costa passam dias inteiros a banhar-se no mar tépido. Nunca têm medo dos tubarões, pois nadam tão bem e tão depressa que muitas vezes conseguem matá-los, mergulhando por baixo deles e ferindo-os na barriga com uma faca.

Até as criancinhas nadam, ainda mal sabem andar; há famílias inteiras que passam o dia no mar, do mesmo modo que em Inglaterra os pais vão a um piquenique acompanhados de seus filhos. Um dos seus divertimentos consiste em mergulharem na rebentação, agarrados a uma prancha leve, e nadarem quando vem a rolar um grosso vagalhão que se precipita em cataratas de espuma, enquanto as ondas se estiram junto à praia. E depois, quando ultrapassaram o sítio onde o mar quebra, sobem para a prancha e vêm sobre a crista das grandes vagas, rindo às gargalhadas, quando alguém se

desequilibra. É para eles uma brincadeira muito apreciada.

No dia seguinte àquele em que Robinson tinha salvado Sexta-Feira, saíram juntos, para ver se havia notícia de que os canibais ainda estivessem na ilha; mas era evidente que se haviam ido embora, sem se preocuparem com os homens que Robinson matara. Em redor do lugar onde estivera a fogueira, havia restos horríveis de cadáveres, bocados de carne meio comida ou carbonizada, crânios, mãos e ossos de pernas e pés. Sexta-Feira deu a entender a Robinson que eram os restos de três prisioneiros que tinham sido arrastados com ele e que serviram de banquete.

Robinson todo se arrepiava a olhar e o horror do espetáculo provocava-lhe náuseas. Ordenou a Sexta-Feira que juntasse os restos dos cadáveres e acendesse uma fogueira para os queimar, o que Sexta-Feira fez alegremente. A ele não era nada que custasse pois, naturalmente, toda a vida tinha sido um canibal, estando perfeitamente habituado a cenas semelhantes. De facto, quando passaram pelo local onde haviam sido enterrados os dois homens, Sexta-Feira deu a entender a Robinson que pretendia voltar para desenterrar e comer os cadáveres. Isto encheu Robinson de repugnância e furor, tendo feito perceber a Sexta-Feira que seria severamente castigado, talvez morto, se alguma vez fizesse semelhante coisa.

Durante algum tempo, Robinson não confiou nele, nem lhe consentiu que dormisse consigo na mesma parte do castelo; mandou-o ficar, de noite, numa pequena tenda do lado exterior da paliçada. Recolhia a escada todas as noites, de maneira que, se Sexta-Feira alguma vez tentasse saltar, faria com certeza barulho suficiente para despertar Robinson. Tomou ainda outras precauções, mas dentro em pouco reconheceu que não eram precisas. Sexta-Feira era-lhe absolutamente fiel. Nunca estava mal disposto nem com preguiça, mas sempre alegre e pronto a fazer tudo o que Robinson lhe dissesse. E, à medida que o tempo decorria, Robinson não duvidava de que, se um dia fosse necessário, Sexta-Feira arriscaria a vida para salvar o seu amo.

A princípio, quando saíam juntos para a floresta, Sexta-Feira sentia-se aterrorizado de cada vez que a espingarda de Robinson fazia fogo. Nunca vira meter nada dentro dela, ficando além da sua compreensão como havia coisas que matassem somente com um estrondo e uma chama. Afigurava-se-lhe que as espingardas eram uma espécie de espíritos malignos que lhe podiam fazer mal, tendo-se passado muito tempo antes de se resolver a mexer nelas, ainda que, quando estava sozinho, Robinson o ouvisse muitas vezes a conversar com elas. Mais tarde, quando falava melhor o inglês e estava mais familiarizado com as espingardas, contou a Robinson que costumava pedir-lhes que não o matassem.

Uma coisa que Robinson nunca pôde ensinar a Sexta-Feira foi a comer os seus alimentos com sal. O sal é coisa que os canibais não usam, e alguns deles ainda hoje chegam a dizer que não lhes interessa comer um branco, porque é excessivamente salgado. Um indígena da sua raça é para eles muito mais doce, embora, de facto, só comam gente de tribos estranhas, que capturam durante algumas das suas guerras. No entanto, a única forma por que eles ingerem sal é utilizando a água do mar, como remédio, bebendo-a em grandes quantidades, até ficarem enjoados.

Robinson perguntou a Sexta-Feira se a sua tribo tinha vindo alguma vez à ilha. Sexta-Feira respondeu afirmativamente, dizendo que ele próprio tinha vindo muitas vezes; e contou a Robinson que, numa das visitas, ele e os seus amigos tinham comido mais de vinte homens. A sua tribo – dizia – era muito poderosa e guerreava muito. Por isso, apanhavam mais prisioneiros e faziam uso da ilha com mais frequência do que as outras tribos. Segundo se concluía das suas informações, a ponta extrema da ilha onde Robinson tinha visto tantos restos de festins era a parte que a tribo de Sexta-Feira considerava como sua. Algumas vezes, outras tribos utilizavam outras ilhas para os seus festins.

Perturbou enormemente o espírito de Robinson o facto de ouvir o que Sexta-Feira dissera acerca desse costume, e, pouco a pouco, à medida que as semanas

passavam, fez-lhe ver como era horrível comer carne humana. Assim, Sexta-Feira foi gradualmente adquirindo hábitos mais semelhantes aos de um branco, e ensiná-lo era um grande prazer para Robinson, que considerava os anos posteriores à chegada de Sexta-Feira como os mais felizes de todos os que vivera na ilha. Não só agora tinha quem o auxiliasse nos seus trabalhos, como também com quem conversar, ou seja, alguém cuja falta, durante os aborrecidos anos em que estivera só, o tinha quase feito esquecer a própria língua.

Quando principiaram a entender-se um com o outro com facilidade, Robinson perguntou a Sexta-Feira a que distância da ilha ficava o seu país e se as canoas não se perdiam muitas vezes na travessia. Sexta-Feira disse-lhe que não havia perigo, não tendo nunca naufragado qualquer canoa; que, de manhã, o vento e a corrente fixavam-se sempre numa direção e à tarde noutra. Supôs Robinson que isto tivesse alguma relação com as marés, mas soube depois que a mudança de vento era unicamente a alteração entre a brisa marítima e a brisa terrestre, as quais sopram, pouco mais ou menos, de manhã e de tarde, em cada lado. A mudança na corrente era devida ao fluxo e refluxo de um grande rio, cuja foz ficava distanciada da ilha.

Sexta-Feira contou a Robinson muitas coisas acerca do seu país e do seu povo, que disse ser Caraíbas. E a

uma grande distância, «para além da lua», queria ele dizer para ocidente, referiu que havia homens brancos que tinham barba, tal como Robinson usava. Esses homens brancos – dizia ele – tinham matado muitos indígenas, pelo que Robinson deduziu que deviam ser espanhóis, os quais nessa época eram muito cruéis para com os povos dos países que haviam conquistado.

Robinson perguntou a Sexta-Feira se podia indicarlhe a maneira de chegar onde habitavam os homens brancos, tendo aquele respondido que seria muito fácil se possuíssem uma canoa grande. Então Robinson começou novamente a arquitetar planos e a ter esperança de abandonar a ilha. Mostrou a Sexta-Feira o barco em que ele e a tripulação haviam tentado chegar a terra quando do naufrágio, cujos restos ainda se conservavam em seco na praia e fora do alcance das ondas. Sexta-Feira contemplava aquilo sem dizer palavra, até que Robinson lhe perguntou o que pensava.

Redarguiu ele que já vira uma vez um barco igual, sem que durante alguns minutos conseguisse fazer entender a Robinson onde ou quando o tinha visto. Robinson calculou que ele quisesse dizer ter visto um barco desprendido de um navio que dera à costa. Mas, no mesmo instante, Sexta-Feira falou dos homens que tinham estado no escaler e a quem ele e a sua tribo haviam recolhido do mar. Contou pelos dedos, fazendo compreender a Robinson que eram dezassete.

– Onde estão agora? – perguntou Robinson.

Sexta-Feira disse que ainda habitavam com a sua tribo.

Isto despertou novas ideias no cérebro de Robinson, pois conjecturou que provavelmente esses homens pertenciam ao navio cujos tiros ele ouvira e em direção ao qual partira depois com a sua canoa, quando ele estava encalhado no recife.

Sexta-Feira disse que a sua tribo lhes havia dado alimentos, não lhes tendo feito mal.

– Porque não os mataram e comeram? – perguntou Robinson.

Sexta-Feira então afirmou mais uma vez que só comiam gente que aprisionavam na guerra.

Algum tempo depois, Robinson e Sexta-Feira encontravam-se no elevado monte situado na ponta leste da ilha. O dia estava claro e sem nuvens, com uma ligeira brisa a encrespar a água, exatamente como no dia em que, anos atrás, Robinson avistara terra, para além do mar. Sexta-Feira olhou atentamente, por muito tempo, na mesma direção, e depois principiou a saltar e a dançar, apontando para a vaga costa azulada.

– Ali o meu país! Vê! Ali vive o meu povo! – dizia ele, com os olhos a cintilarem de alegria e um clarão de ansiedade no rosto.

Depois disto, Robinson não ficou tranquilo a respeito de Sexta-Feira. Tinha suas suspeitas de que se

regressasse à sua tribo ele se esqueceria depressa de tudo o que aprendera, de tudo o que Robinson fizera em seu favor, e que – quem sabe?! – talvez voltasse com cem ou duzentos companheiros, para matar e comer o seu amo. Mas nisto era Robinson muito injusto para com Sexta-Feira, pois este não albergava tais ideias.

Robinson em breve reconheceu isso. Um dia – quando eles subiam ao monte – perguntou a Sexta-Feira se não se sentiria contente em voltar para a sua terra.

– Sim, – respondeu Sexta-Feira, – muito contente.

– Voltarias a comer carne humana?

– Não, nunca mais! – exclamou Sexta-Feira, abanando muito a cabeça.

Então Robinson perguntou-lhe porque não regressava. Era muito longe para ir a nado, disse Sexta-Feira. Robinson explicou que lhe daria um barco, mas Sexta-Feira retorquiu perentoriamente que só iria se Robinson também fosse.

– Mas a tua tribo comer-me-ia! – exclamou Robinson.

– Não, não! – respondeu Sexta-Feira. – Tu bom para mim, eles bons para ti.

Robinson ficou então meio convencido a ir, pois calculava que, se se reunisse aos outros homens brancos, haveria mais probabilidades de construir uma embarcação capaz de navegar até Inglaterra.

Assim, levou Sexta-Feira ao sítio onde guardava a pequena canoa que fizera, e depressa reconheceu que

o seu companheiro era muito melhor barqueiro que ele próprio, sendo capaz de dirigir a embarcação através do mar, quase duas vezes mais depressa do que Robinson.

Porém, quando Robinson lhe perguntou se podiam fazer a travessia naquele barco, a expressão de Sexta-Feira foi de desânimo. Era demasiado pequeno, disse. Robinson mostrou-lhe então o primeiro barco que construía e que jazia na areia havia já mais de vinte e dois anos. Esse – reconhecia Sexta-Feira – tinha tamanho suficiente. Mas o ardor do Sol tinha-o, durante todo esse tempo, empenado e fendido de tal maneira que, mesmo que o pudessem lançar à água, não flutuaria.

Então Robinson disse a Sexta-Feira que lhe ia construir um barco maior, para o mandar para a sua terra, e que ele, Robinson, ficaria sozinho na ilha, como dantes.

Os sentimentos do pobre rapaz sentiram-se tão feridos com isto, que perguntou:

– Porque tu tão zangado com Sexta-Feira? Se amo ir, Sexta-Feira ir. Se amo não ir, Sexta-Feira não irá. – E, indo buscar um machado, exclamou: – Tu matar Sexta-Feira! Não o mandar embora!

Robinson ficou muito sensibilizado com tal dedicação, passando a ter absoluta confiança nele.

*ROBINSON E SEXTA-FEIRA CONSTROEM
UMA GRANDE CANOA E SALVAM DOIS
PRISIONEIRO DOS CANIBAI*

No entanto, o desejo de abandonar a ilha mantinha-se tão veemente como dantes. Por isso, Robinson e Sexta-Feira foram juntos abater uma árvore, a fim de, com ela, construírem uma embarcação bastante sólida, destinada à sua viagem até ao continente. Sexta-Feira cedo demonstrou que conhecia melhor que Robinson a espécie de árvores mais próprias para a construção de barcos, embora não soubesse escavar os troncos tão bem, pois nunca tinha visto as ferramentas adequadas a tal trabalho. Sexta-Feira preparava-se para escavar a fogo, mas Robinson mostrou-lhe como se utilizavam as ferramentas e, dentro em pouco ele já as manejava muito bem.

Levaram pouco mais de um mês a fazer o barco. Tinha uma bela aparência e eles ficaram muito orgulhosos com a sua obra. Mas a tarefa de o deitarem à

água custou-lhes dias de intenso trabalho.

Por baixo dele puseram grossos toros de madeira e, em seguida, com o auxílio de fortes barrotes, meteram-lhe uma alavanca e impeliram-no, polegada a polegada até ao mar, onde ficou flutuando, muito elegante e bem lançado, com capacidade suficiente para uma dúzia de homens.

Robinson ficou maravilhado com a perícia com que Sexta-Feira pagaiava tão grande canoa. Parecia voar através da água, navegando com a máxima facilidade.

– Fará a travessia? – perguntou Robinson a Sexta-Feira, que, risonho, respondeu:

– Sim, mesmo que forte vento soprar.

Todavia, Robinson não tencionava contar só com o remo. Ordenou a Sexta-Feira que deitasse abaixo um pinheiro novo e delgado, para servir de mastro, tendo enfim encontrado, entre as velas do navio que guardara, dois bocados que não estavam podres. Fez com eles o que se chama uma vela de baioneta e uma pequena vela de traquete. Gastou perto de dois meses a cortá-las e arranjá-las mas, quando ficaram prontas e içadas, funcionaram muito bem; depois de ter fixado um leme tosco ao barco, verificou que este rumava a primor, sendo seguro e rijo de borda sob a fresca brisa.

Sexta-Feira não percebia nada de navegação à vela e ficou assombrado ao ver a embarcação andar tão veloz; porém, depressa aprendeu a manobrá-la tão bem

como Robinson. A única coisa que ele não conseguiu aprender foi a orientar-se pela bússola.

Vinte e seis anos se tinham passado desde que Robinson aportara à ilha, e, embora agora fosse grande a sua esperança de se ir embora, continuava a cavar a terra, a semear, a entrincheirar-se e a colher as uvas e a fazer passas, como de costume, para o caso fortuito de ter de ficar onde estava.

Como a estação das chuvas estivesse à porta, ordenou a Sexta-Feira que abrisse junto ao braço de mar uma espécie de doca, na areia, destinada à nova embarcação, mas com profundidade suficiente para ela flutuar, e, quando a maré baixou, fizeram uma barragem na entrada da doca, a fim de reter a água da parte de fora. Em seguida, cobriram o barco com uma camada muito espessa de ramos de árvores, ali ficando perfeitamente resguardado e em seco até ao fim da época húmida, que era quando Robinson projetava partir para o continente.

Semanas antes de começar a estação seca, Robinson resolveu abrir a doca e colocar o barco novamente na água. E, para estar preparado com bastante antecedência, principiou a pôr de parte mantimentos e provisões, destinados à viagem.

Uma manhã em que estava muito atarefado no seu trabalho, disse a Sexta-Feira que descesse à praia, a ver se encontrava alguma tartaruga. Sexta-Feira afastou-se,

mas, poucos minutos se tinham passado, voltou a correr, esbaforido, gritando:

– Senhor! Senhor! Que tristeza! Que infelicidade!

– De que se trata, Sexta-Feira? Perguntou Robinson.

– Além, em frente! disse Sexta-Feira, – apontando, muito assustado, para oeste, – além, em frente, uma, duas, três canoas.

Robinson animou-o conforme pôde.

– Bem, Sexta-Feira, temos de lhes dar combate. Queres bater-te?

– Sim, Sexta-Feira disparar, mas vêm muitos.

– Não importa; – replicou Robinson – as nossas espingardas assustarão aqueles que não matarmos.

Sexta-Feira prometeu manter-se firme até à última e fazer exatamente o que lhe fosse ordenado.

Então Robinson carregou duas espingardas com uma grande quantidade de chumbo grosso e entregou-as a Sexta-Feira, pegando ele em quatro mosquetes, que cuidadosamente carregou com quatro pequenas balas e dois zagalotes cada um, metendo duas balas em cada uma das suas pistolas. Em seguida, pendurou o sabre à cintura e deu a Sexta-Feira um machado.

Depois de tudo pronto subiram ao monte, munidos de óculo, tendo visto que havia, ao todo, vinte e um selvagens com três prisioneiros. Tinham desembarcado não muito além do braço de mar, próximo dum local onde se elevava uma espessa mata.

Depois de Robinson dar a Sexta-Feira uma das pistolas para prender ao cinturão e um dos mosquetes para transportar, partiram, cada um deles armado de uma pistola e três espingardas, além do sabre de Robinson e do machado de Sexta-Feira. Robinson meteu na algibeira um frasco de aguardente, entregando a Sexta-Feira um saco com mais pólvora e balas, e recomendou-lhe que se conservasse muito quieto, não começando a fazer fogo enquanto ele não desse a ordem.

Para chegarem junto dos selvagens sem serem vistos, tinham de se desviar do seu caminho quase uma milha e, como iam muito carregados, não podiam andar muito depressa. Durante esse trajeto, Robinson começou a argumentar consigo próprio e a refletir que, afinal, talvez não tivesse o direito de matar selvagens que nunca lhe haviam feito mal e que só estavam procedendo como o seu povo procedia havia centenas de anos. Eles não compreendiam mais – dizia ele para consigo – e, então, para que matá-los? O seu espírito estava tão hesitante que não sabia o que havia de fazer.

Finalmente, decidiu só se aproximar o bastante para ver distintamente o que os selvagens estavam a fazer, sem os atacar, a não ser que surgissem motivos especiais para isso.

Quando Robinson e Sexta-Feira chegaram próximo do local onde os selvagens haviam acendido a fogueira, Robinson mandou Sexta-Feira à frente, para ver o que havia.

Sexta-Feira aproximou-se e voltou muito silenciosamente, dizendo que os canibais já tinham matado um dos prisioneiros e estavam a comê-lo, e que, dentro em pouco, iriam matar o segundo, que se encontrava junto deles. O segundo prisioneiro, disse Sexta-Feira, era um homem branco.

Estas notícias imediatamente alteraram os planos de Robinson, que não hesitou mais sobre o que tinha a fazer.

Avançando de rastos, viu distintamente, pelo óculo, o homem branco, que jazia na areia, ligado de pés e mãos. Robinson notou que havia, um pouco mais perto dos selvagens, uma árvore, rodeada de um maciço de moitas, donde era muito fácil atirar-lhes. Para ali se arrastaram, ele e Sexta-Feira.

Não havia tempo a perder pois, quando chegaram ao pé da árvore, dois selvagens aproximaram-se do homem branco e estavam a desamarrar-lhe os artelhos. Os outros canibais estavam sentados, juntos, a um lado.

Voltando-se para Sexta-Feira, Robinson disse-lhe em voz baixa:

– Agora faz exatamente o que eu te disser.

E fizeram pontaria ao grupo de selvagens.

– Estás pronto, Sexta-Feira? – segredou Robinson.

– Pronto! – disse Sexta-Feira.

– Então, fogo!

O primeiro tiro de Robinson matou um e feriu dois,

mas o de Sexta-Feira deu morte a dois e feriu três. Apanhando rapidamente mais duas espingardas, fizeram ambos fogo novamente, antes que os selvagens que não haviam sido atingidos se pusessem de pé, pois tinham ficado tão surpreendidos e assustados com a detonação que mal compreendiam o que se passava. Desta vez, só caíram dois, mas outros ficaram feridos com a carga de chumbo grosso, desatando a correr para todos os lados, a gritar, até caírem, devido à perda de sangue.

– Agora, Sexta-Feira, – disse Robinson, pegando num dos mosquetes carregados, de sobressalente, – segue-me.

E saltando do bosque, com Sexta-Feira logo atrás, arremessou-se aos canibais, correndo o mais depressa que podia.

Os dois homens que se tinham encaminhado para o prisioneiro branco, com o fim de o matar, fugiram para o mar, seguidos de mais três, que saltaram para a mesma canoa.

Robinson ordenou a Sexta-Feira que atirasse sobre eles. Este, correndo à frente, disparou. Todos os homens da canoa caíram, dois deles mortos e um ferido. Os outros parece que caíram com o susto pois, daí a pouco, levantaram-se e pagaiaram a toda a força.

Enquanto Sexta-Feira fazia fogo, Robinson correu para o prisioneiro e cortou-lhe os laços, ajudando-o a pôr-se em pé e dando-lhe um pouco da aguardente

que trouxera. O homem, ao perguntarem-lhe de que país era, respondeu que era espanhol, tendo agradecido a Robinson o que lhe fizera. Mas este, que falava alguma coisa de espanhol, atalhou, dizendo:

– Senhor, conversaremos depois. Agora temos de lutar.

E deu ao espanhol o sabre, que tirou da cintura, e uma pistola, dizendo-lhe que, se se sentisse com forças, fizesse o que quisesse aos selvagens.

Logo que o homem se apanhou com armas na mão, correu direito aos canibais e abateu dois e, em seguida, voltando-se, atacou os restantes com igual fúria.

Robinson mandou então Sexta-Feira buscar os mosquetes que tinham deixado debaixo da árvore e, tornando rapidamente a carregá-los, entregou a Sexta-Feira aquele que ele próprio trouxera consigo e com que não tinha feito fogo.

Entretanto, o espanhol tinha-se atirado a um gigantesco e vigoroso selvagem que estava armado duma clava e, embora tivesse ferido o canibal com o sabre, por duas vezes, na cabeça, viu, contudo, que não levava a melhor na luta, em virtude do estado de fadiga em que se encontrava. De repente, o selvagem, atirou-se a ele, de um salto, deitou-o ao chão e estava quase a tirar-lhe o sabre, quando o espanhol, largando a mão, de repente puxou da pistola e a disparou, matando-o instantaneamente.

Os outros indígenas dispersavam-se agora em todas as direções. Sexta-Feira, correndo atrás deles, de machado em punho, matou-os a todos, à exceção de um que fora ferido pelo espanhol e que, apesar dos seus ferimentos, se atirou ao mar e nadou até à canoa em que iam os outros dois que já se afastava.

Sexta-Feira propôs a Robinson que se metessem noutra canoa e fossem atrás deles. Robinson concordou, pois refletiu que, se escapassem alguns, certamente voltariam, trazendo centenas deles, para vingar a morte dos seus companheiros. Desse modo, correu à praia e começou a empurrar outra canoa. Mas, com surpresa sua, jazia no fundo do barco outro prisioneiro, um velho, tão solidamente amarrado da cabeça aos pés que, nem mesmo depois de lhe terem cortado os laços, se pôde mexer. Continuava deitado, a gemer, talvez julgando que só o estavam a desatar para ser morto.

Robinson passou a aguardente a Sexta-Feira e disse-lhe que deitasse algumas gotas pela boca abaixo do pobre homem, o qual pareceu reanimar-se, pois se sentou.

Mal Sexta-Feira olhou para ele e o ouviu falar, começou a dançar, a gritar e a rir, e, em seguida, caindo de joelhos, esfregou o seu nariz no do selvagem (é o que essa gente faz em vez de se beijarem), mostrando-se tão excitado que durante alguns minutos não se pôde explicar. Logo que conseguiu falar, disse a Robinson

que o homem que tinham encontrado era seu pai. Os pulsos e os artelhos do pobre velho encontravam-se esfolados e entorpecidos por terem estado tanto tempo ligados, e o pobre tinha uma sede ardente.

Sexta-Feira correu a buscar-lhe água e, em seguida, esfregou com aguardente os pulsos e os artelhos de seu pai. Os do espanhol também estavam terrivelmente golpeados e inchados, sentindo-se ele tão fatigado da luta que Sexta-Feira teve de o conduzir às costas para a canoa. Seguidamente, com os dois dentro, pagaiou pelo braço de mar adiante, enquanto Robinson ia a pé. Os dois homens tiveram de ser transportados para o castelo, sendo Robinson obrigado a armar, do lado de fora, uma tenda para eles, porque não lhes foi possível, a ele e a Sexta-Feira, erguê-los para os passar pela paliçada.

No dia seguinte, Robinson mandou Sexta-Feira enterrar os cadáveres dos selvagens que tinham matado e trazer os mosquetes.

Feito isto, disse a Sexta-Feira que perguntasse a seu pai se achava que havia probabilidades de os selvagens voltarem. O velho disse que os supunha tão aterrorizados pelo modo como haviam sido atacados, pela detonação das espingardas e pelo fogo e fumo que delas partiam que era provável que nunca mais voltassem. Disse que os ouvira exclamar que dois espíritos malignos os estavam atacando. Verificou-se que o velho tinha razão, pois nunca mais os canibais visitaram aquela ilha.

*CHEGADA DUM NAVIO INGLÊS – ROBINSON
FAZ-SE DE VELA PARA A PÁTRIA*

Pouco tempo depois, Robinson teve uma longa conversa com o espanhol, que lhe contou como ele e os seus camaradas tinham naufragado havia quatro anos, junto da costa onde habitava a tribo de Sexta-Feira. Disse que foram bem tratados pelos naturais, mas que, ultimamente, se tinham visto em grandes apuros, por falta de vestuário e por se lhes ter acabado a pólvora, tendo também perdido todas as esperanças de algum dia regressarem ao seu país e contou que tinha sido aprisionado por ocasião de uma das pequenas guerras que constantemente se davam entre as diferentes tribos.

Robinson começou a traçar um plano de trazer os companheiros do espanhol para a sua ilha, certificando-se previamente da sua boa-fé e de que não tentariam apossar-se do seu domínio por traição. Era arriscar-se

– reconhecia – mas, se arranjasse um grupo razoável de homens, não haveria dificuldades em construir um pequeno navio que os conduzisse a todos de regresso a Inglaterra.

Nesse sentido perguntou ao espanhol se jurava e podia conseguir que os seus camaradas fizessem também esse juramento de que, se Robinson os socorresse, eles o considerariam sempre como seu chefe, comprometendo-se a obedecer-lhe em tudo. O espanhol, por seu lado, prontamente lho prometeu, e disse que tinha a certeza de que os seus camaradas lhe jurariam fidelidade.

Ficou, portanto, combinado que, dentro de seis meses, depois das próximas colheitas, quando houvesse abundância de alimentos para tanta gente, o espanhol e o pai de Sexta-Feira fariam a travessia até ao continente numa das canoas que tinham sido tomadas aos selvagens.

Entretanto, todos os braços se entregaram à secagem de grandes quantidades de uvas, sendo distribuídas muitas mais tarefas, a fim de tudo estar preparado quando da vinda dessa gente.

Depois da colheita, Robinson entregou ao espanhol e ao pai de Sexta-Feira um mosquete e um fornecimento de pólvora e cartuchos, carregando a canoa de provisões suficientes para eles e para os outros se governarem durante quinze dias, tendo os dois homens

partido para o continente com um belo tempo e vento favorável.

Haviam passado uns oito dias e já Robinson começava a esperar pelo seu regresso, quando uma manhã, muito cedo – ainda ele estava a dormir – Sexta-Feira veio a correr, gritando: – Senhor! Senhor! Aí vêm! – Robinson deu um salto e, vestindo-se à pressa, correu para fora.

Olhando o mar, depressa reconheceu um barco à vela, demandando terra, procedente da ponta sul da ilha, mas ainda a algumas milhas. Não era esta a direção donde o espanhol e os seus camaradas deviam vir, nem certamente chegariam num barco à vela. Surpreendido, Robinson pegou no óculo e subiu ao cume do monte, a fim de ver se podia reconhecer quem estava a bordo, antes de acostarem.

Mal chegara ao monte, reparou num navio ancorado a alguma distância da praia. Parecia-lhe uma embarcação inglesa, assemelhando-se o escaler a uma lancha também inglesa.

Era um espetáculo prodigioso, mas Robinson ainda não se sentia tranquilo. A essa região do globo não era provável virem navios ingleses, porque nessa época paravam nas proximidades todos os barcos espanhóis que traficavam por esses mares, e os ingleses e os espanhóis eram inimigos fiadais.

Que viria ali fazer um navio inglês? Não tinha havido

nenhum temporal que o fizesse desviar da sua rota.

Robinson receava que, sendo inglês, algo de ilícito o envolvesse. Pensava que talvez fosse um pirata. Por isso, teve o cuidado de não se deixar ver, nem a si nem a Sexta-Feira.

Nesse momento, enquanto estava de atalaia, viu os homens dirigirem-se, no escaler, para terra, tendo acostado a cerca de meia milha do castelo. Quando desembarcaram, Robinson pôde facilmente ver pelo óculo que eram ingleses.

Eram onze, mas três tinham as mãos atadas atrás das costas, sendo, evidentemente, prisioneiros. Depois de os primeiros três ou quatro terem saltado em terra, os outros começaram a maltratá-los, procedendo como se fosse seu intento matar os prisioneiros. Sexta-Feira estava convencido de que eles tencionavam comê-los.

Daí a pouco, sem fazerem mais nenhum mal aos três homens, os captores espalharam-se pelo meio do arvoredado vizinho da praia, deixando-os sentados na areia, muito tristes, mas já com as mãos livres.

Na ocasião em que o escaler tocara em terra era praia-mar; os dois marinheiros que tinham ficado a guardá-lo e que, evidentemente, haviam bebido aguardente demais, adormeceram, nunca mais reparando que a maré vazava. Quando acordaram estava o barco em seco, não conseguindo eles arredá-lo, nem com o auxílio de toda a tripulação, porque a areia naquele

ponto era muito branda. Isto não pareceu incomodá-los muito, pois Robinson ouviu um dos marinheiros bradar: – Deixa-o, Jack, se não podes. Ele ficará a nado na maré seguinte.

Robinson esteve de atalaia toda a manhã e, quando aqueceu o dia, notou que os marinheiros se deitavam a dormir à sombra do arvoredos, um pouco afastados dos três prisioneiros.

Então, Robinson e Sexta-Feira, pegando nos mosquetes e nas pistolas, esgueiraram-se cautelosamente, por detrás dos três homens, procurando falar-lhes sem os outros o perceberem.

Robinson tinha vestido o casaco de pele de cabra e posto o grande chapéu felpudo que fizera para seu uso; com o sabre e as pistolas à cintura e uma espingarda pousada em cada ombro tinha uma aparência muito feroz.

Os homens não o viram enquanto ele não falou; mas ficaram tão sobressaltados com o seu aspeto selvagem e com a vista de dois homens armados até aos dentes que estiveram a pontos de fugir. Mas Robinson disse-lhes que não se alarmassem: ele era inglês e amigo e auxiliá-los-ia, se lhe indicassem a maneira de o fazer.

Então eles explicaram-lhe o que sucedera. Um deles era o capitão do navio que estava fundeado defronte da ilha. Os outros eram o piloto e um passageiro. A

tripulação tinha-se revoltado – contou o capitão a Robinson – e pusera-os, a ele e aos outros dois, a ferros, tendo os cabeças do motim resolvido matá-los. Por fim, tinham resolvido abandoná-los na ilha, para ali morrerem.

O capitão ficou tão surpreendido ao encontrar ali alguém que se propunha auxiliá-lo que, no meio da sua admiração, exclamou: – Estou falando com um homem ou com um anjo do céu?

– Se Deus lhe enviasse um anjo, senhor, – respondeu Robinson, – certamente teria vindo mais bem vestido.

Seguidamente, perguntou-lhe se a tripulação do escaler possuía algumas armas de fogo, mas foi informado de que só possuíam dois mosquetes, um dos quais ficara a bordo.

– Nesse caso, o resto é fácil, – exclamou Robinson. – Podemos matá-los ou prendê-los, como entendermos.

O capitão não tinha vontade de ver os homens mortos, pois afirmou que, se se desembaraçassem dos dois piores, estava crente de que os restantes voltariam a entrar na ordem.

Robinson fez o ajuste de que, se tirassem o capitão das mãos dos amotinados e este retomasse o navio, ele e Sexta-Feira seriam conduzidos de graça para Inglaterra. O capitão e os outros acederam logo.

Então, Robinson entregou a cada um deles um mosquete com pólvora e balas, depois do que o capitão, o

piloto e o passageiro se encaminharam para o lugar onde os marinheiros amotinados estavam a dormir. Um deles ouvira-os, e, voltando-se, avistou-os e gritou pelos companheiros. Mas era demasiado tarde. O piloto e o passageiro fizeram fogo, caindo morto um dos cabeças de motim. Caiu também outro homem mas, levantando-se imediatamente, chamou os outros em seu auxílio. Porém, o capitão derrubou-os com a coronha do mosquete, e os restantes, vendo Robinson e Sexta-Feira, que se aproximavam, e compreendendo que não tiravam bom resultado contra cinco homens armados, pediram misericórdia. Três outros, que vagueavam por entre o arvoredos, regressaram ao ouvir os tiros, e também foram presos, sendo dessa forma capturada toda a tripulação do escaler.

O capitão e Robinson começaram então a cogitar como poderiam retomar o navio. O capitão disse que havia a bordo muitos homens com quem ele julgava poder contar e que tinham sido levados pelos outros revoltados contra as suas ordens. Mas não seria empresa fácil retomar o navio, porquanto estavam ainda a bordo vinte e seis homens que, como eram acusados de rebelião, seriam, com todas as probabilidades, enforcados, se regressassem a Inglaterra. Dessa maneira, era certo oferecerem resistência.

A primeira coisa que Robinson e os outros então fizeram foi retirar tudo do escaler: remos, mastro, vela e

leme; em seguida, abriram-lhe um buraco no fundo, de maneira a não flutuar. Enquanto faziam isto e puxavam o barco mais para a praia, ouviram um tiro, imediatamente seguido de outro, disparados do navio, como sinal para o escaler regressar.

Como ele, naturalmente, não se podia mover, Robinson avistou através do óculo outro escaler, que deixava o navio, com dez homens a bordo, armados de mosquetes, a fim de levar os que estavam em terra.

Isto era bastante sério, pelo que Robinson e o seu grupo tiveram de planear a maneira de aprisionar também essa tripulação do escaler de reforço.

Com esse objetivo, desamarraram as mãos de todos os homens que haviam aprisionado antes e mandaram os piores para a caverna, sob a guarda de Sexta-Feira e de um outro homem que o capitão disse ser de confiança, ambos com ordem de atirarem a quem quer que tentasse dar alarme ou fugir. Em seguida, Robinson levou os seus companheiros e o resto dos presos para o castelo, onde, do cimo do rochedo, se puseram de atalaia, à espera da acostagem do segundo escaler.

O capitão e o piloto estavam muito nervosos e sem esperanças de capturar esse contingente de reforço, mas Robinson mostrava-se absolutamente confiado e encorajava-os com a sua jovialidade.

Entre os presos do castelo havia dois que o capitão reputava honestos, tendo-lhes Robinson dado a

liberdade, sob promessa solene de se conservarem fiéis e combaterem a seu lado.

A tripulação do segundo escaler, depois de ter acostado, ficou terrivelmente surpreendida ao encontrar o primeiro escaler vazio e arrombado; viram-nos a consultarem-se ansiosamente sobre o que deviam fazer. Então, começaram aos gritos e dispararam salvas. Não tendo alcançado resposta, ficaram evidentemente alarmados, pois saltaram todos para dentro do barco e principiaram a remar em direção ao navio. Todavia, dentro de alguns minutos, parece que mudaram de resolução, porque acostaram novamente, deixando desta vez três homens de guarda ao barco, conservando este na água.

Sete homens desembarcaram e partiram em grupo para o interior da ilha, em busca dos seus camaradas perdidos. Mas não se incomodaram em ir muito longe; daí a pouco, pararam outra vez, a dispararem salvas e a gritarem. Não tendo ainda conseguido resposta, resolveram de novo voltar para o mar.

Em vista disso, Robinson ordenou a Sexta-Feira e ao piloto que atravessassem o braço de mar para oeste e gritassem muito alto, esperando até os marinheiros responderem. Então Sexta-Feira e o piloto foram indo mais para diante, sempre a bradar, obrigando, desse modo, os homens a segui-los para além da praia.

Este plano foi muito bem sucedido, pois enquanto

os marinheiros, pensando que estavam ouvindo o sinal dos seus amigos perdidos, corriam a encontrá-los, o caminho foi-lhes barrado pelo braço de mar, para cuja travessia tiveram de ir buscar o escaler, seu único meio de transporte. Levaram consigo um dos três homens que tinham deixado no barco, ordenando aos outros que amarrassem este a uma árvore e ali ficassem.

Era isto precisamente o que Robinson queria. Além disso, um dos homens foi-se-lhe meter mesmo nas mãos, pois deixou o barco e foi deitar-se debaixo de uma árvore, a dormir. O capitão atirou-se a ele e, como este procurasse pôr-se de pé, derrubou-o; em presença de tal cena, o marinheiro que ficara no barco submeteu-se com a maior prontidão, tanto mais que de má vontade se juntara aos amotinados, estando agora muito satisfeito com a oportunidade de se reunir ao seu capitão.

Entretanto, Sexta-Feira e o piloto, a bradar e a responder, fizeram ir os restantes tripulantes, de monte em monte, através da floresta, até, por fim, os desviarem para tão longe que não lhes foi possível encontrar o caminho de regresso antes da noite. Quando chegaram onde tinham deixado o barco e viram que os homens que lá tinham ficado já ali não estavam, sentiram-se aterrados.

Não foi difícil a Robinson e à sua gente cercá-los, sucedendo que o contramestre do navio, que era o

mais miserável do bando e o principal causador de todos os trabalhos, foi, no escuro, de encontro ao capitão, o qual lhe saltou em cima, matando-o a tiro. Os outros então renderam-se, crentes de que se rendiam a cinquenta homens armados como lhes disseram. Todos suplicaram encarecidamente a vida, sendo alguns, em quem o capitão disse que se podia confiar, postos em liberdade, sob a promessa de prestarem auxílio na recuperação do navio. Os outros foram manietados e metidos na caverna.

Robinson e Sexta-Feira ficaram na praia a guardar os prisioneiros, enquanto o capitão, o piloto e o passageiro, com os tripulantes fiéis, depois de terem reparado o escaler avariado, partiram em direção ao navio, que atingiram pela meia-noite. Quando estavam a curta distância, o capitão ordenou a um homem da tripulação que chamasse à fala e dissesse que trazia o escaler e os homens que tinham ido buscar. Em seguida, ambos os escaleres atracaram, ao mesmo tempo, um de cada lado da embarcação, e, antes que os rebeldes percebessem o que sucedia, foram subjugados e alguns foram mortos. Só um dos do grupo do capitão foi ferido: o piloto, que ficou com um braço partido por uma bala de mosquete.

Logo que o navio foi tomado, o capitão ordenou que disparassem sete tiros, que era o sinal combinado para dar a conhecer a Robinson que conseguira tomar o navio.

A permanência de Robinson na ilha estava a tocar o seu termo, após mais de vinte e oito anos, pois dentro de poucos dias ele e Sexta-Feira largariam no navio rumo a Inglaterra.

Robinson não se esqueceu, ao partir, de levar consigo o dinheiro e as barras de ouro que recolhera no naufrágio do navio espanhol, levando também, como recordação, o casaco de pele de cabra e o grande chapéu felpudo. Entretanto, o capitão, antes de o navio se fazer de vela, deu-lhe vestuário conveniente, cujo uso lhe causou, a princípio, um terrível mal-estar.

A viagem foi longa, mas finalmente avistaram as costas de Inglaterra.

Havia trinta e cinco anos que Robinson deixara a pátria. E, quando nessa manhã, após os longos anos de exílio, viu enfim a terra onde nascera, apoiando a cabeça nos braços, chorou como uma criança.

Quem sabe se, algum dia, também vós vireis a conhecer a alegria de regressar à pátria, longe do país de cativo?